OUTLAW

REBEL

17janela18corredor

17window18aisle

Ethiopian
Ethiopia

NAME
SCHELLINI/MARCELO M

FROM
SAO PAULO GU/GRU R

TO
ADDIS ABABA /ADD

CARRIER
ETHIOPIAN AIRLINES

FLIGHT NO
ET 507 U 08FEB

CLASS
24

TIME
00:05

SEAT
22B

FARE BASIS
088

AGENCY CODE
GBF/GRU

Foi então naquela ilha que comecei o longo caminho rumo ao continente africano. Ao sopro do *grecale*, do *levante*, do *tramontana* e sobretudo do *sirocco**, que é aquele que vem do norte da África trazendo a borrasca de areia do Saara. A propósito, foi naquela mesma ilha que ouvi pela primeira vez que certas pessoas são como o vento. Talvez porque mudem sempre de direção. São inconstantes. Não sei, porque possuem uma natureza passageira. Ali, eu mesmo tomei um gosto exagerado por fazer e desfazer malas. Tipo de ritual para quem vai e vem, fazer e desfazer malas ensina que devemos carregar somente o imprescindível. Os pertences são como lembranças, são coisas que se acumulam. Contudo, são impossíveis de carregar o tempo todo. Quem sabe por isso, tenho sempre o pressentimento de ter esquecido algo. Me arrependo de não ter verificado debaixo da cama. Tarde demais.

So it was on that island that I began my long journey towards the African continent. Blown along by the *grecale*, the *levante*, the *tramontana* and above all the *sirocco**, the wind that comes from North Africa, bringing sand squalls from the Sahara. It was on the same island, incidentally, that I first heard how some people are just like the wind. Perhaps because they are always shifting direction. Fickle. I don't know, maybe because they have the same transitory nature. There I became a bit too fond of packing and unpacking my bags. A ritual of sorts for those who come and go, packing and unpacking teaches us to carry only the essential. Belongings are like memories, things that accumulate. However, it is impossible to lug them around all the time. Perhaps that's why I always have the vague sense of having forgotten something. I kick myself for neglecting to check under the bed. Too late.

E era como se eu acordasse de um encanto. Pois, os anos passados naquela ilha pareciam não ter durado mais do que dias. Na taverna de Circe, provando do vinho intoxicante, seduzido por seu gênio caprichoso. Era como se eu acordasse de um encanto. Com a fronte sapecada pelo hálito áspero do velho *scirocco*. Seria necessário ter cílios de camelo. Abrir bem os olhos durante a borrasca, mover o corpo formigante, seguir viagem. E quem teria navegado em tal tormenta? Quem faria favorável a si uma intempérie que sorve a superfície da terra e do mar como uma língua de fogo? Milhares de sobreviventes. Imigrantes e refugiados que se lançaram ao mar em embarcações precárias desde portos clandestinos da Líbia e Tunísia. Repelidos, esses companheiros da adversidade cruzam mares e desertos, manobram com dois remos: o direito traz a sorte, o esquerdo leva a morte. E foi numa dessas idas e vindas que me encontrei com um dos heróis desta história.

And I felt like had awoken from a spell. For the years spent on that island seemed to have lasted no more than days. In Circe's tavern, tasting the intoxicating wine, seduced by its capricious genius. I felt like I had awoken from a spell. With my brow scorched by the rasping breath of the old *sirocco*. A camel's eyelashes were needed. Open your eyes wide during the squall, move your tingling body, continue the voyage. Yet who would set sail in such a tempest? Who could turn into their favour a storm that licks up the surface of earth and sea like a tongue of fire? Thousands of survivors. Immigrants and refugees who launch into the ocean in flimsy boats from clandestine ports in Libya and Tunisia. Repelled, these companions in adversity cross seas and deserts, manoeuvring with two oars: the right brings luck, the left leads to death. And it was on one of these comings and goings that I met one of the heroes of this story.

Eu ouvia atento sua narrativa enquanto viajávamos, cruzando campos abandonados ou esperando em estações, em rodoviárias, em zonas portuárias. Para ele, contar suas peripécias era como ouvi-las pela primeira vez. Por dentro, seu heroísmo permanecia escondido, como um segredo diminuto, uma odisseia semelhante a de tantos outros, feita de lembranças malogradas. Seu nome era Abdellah Samrani. Embarcado em 1423 do ano da hégira* fez a travessia repleta de agonia até terras insulares italianas. Nada como um barco perdido em alto mar para ressaltar as crenças, o amor, a fome, o ódio e as esperanças cegas.

I listened keenly to his tale as we journeyed, crossing abandoned fields or waiting at rail stations, coach stations, ports. For himself, retelling his adventures was like hearing them for the first time. Inside his heroism remained stored away like a tiny secret, an odyssey similar to those of so many others, made from thwarted memories. His name was Abdellah Samrani. Embarking in the year 1423 of the Hijri era*, he made the tortuous crossing to the soil of Italian islands. Nothing like a boat lost at high sea to bring out beliefs, love, hunger, hatred and blind faith.

Mas agora, finalmente vem a recompensa. Depois de oito dias no mar e de oito anos em terras estrangeiras, após longa espera, ele consegue a regularização de seus documentos, o que lhe permite voltar a seu país para visitar a mãe e a família. A recompensa é somente voltar à casa e olhar os seus com a dignidade de quem passara tudo aquilo com a única esperança do reencontro. Adeus Emirado de Sicília. Adeus Marsalla, Manzara e Alcântara. Adeus *cabeça de mouro**.

But now, finally, comes the reward. After eight days at sea and eight years in foreign lands, after a protracted wait, he finally obtained his official papers, allowing him to return to his own country to visit his mother and family. The reward is simply to return home and look at his own people with the dignity of someone who has been through everything sustained by the sole hope of being reunited. Adieu Emirate of Sicily. Adieu Marsala, Manzara and Alcantara. Adieu *maure head**.

Observando o rastro da espuma, deixada pelo navio, parece mesmo que vou embora para sempre. E quem sabe não seja isso mesmo? Quem pode prever? Tudo não passa de pressentimentos, sombras. E se jamais voltarei ali, pelo menos revisitarei milhares de vezes a lembrança daquela despedida obscura. Daquela noite esguia, do deck vazio do navio e de meu amigo Abdellah, vitorioso e melancólico. Aquela espuma escura era como o traçado do nosso destino incerto. Uma cartografia cega. O braille de quem tateia o presente.

Watching the wake of foam left trailing by the ship, it really seems that I'm leaving forever. And who knows, perhaps that's the case? Who can foresee? Nothing is more than forebodings, shadows. And should I never return, at least I shall revisit the memory of that obscure farewell a thousand times. Recollections of that long night, the empty ship deck and my friend Abdellah, victorious and melancholic. The dark foam was like the trace of our uncertain destiny. A blind cartography. The braille of someone groping around in the present.

Navegando naquela vazante, deitávamos às águas profundas uma porção de pensamentos. Que na escuridão do mar jazia um velho barco sarraceno. Vestido de cracas, tornara-se a carapaça de um marisco extinto. Corsário fantasma, em cujo último itinerário embarcaríamos naquela noite. Embarcação que nos levaria para Tanger, que nos levaria para aquela que sempre foi a porta das Áfricas, que nos faria avistar seu porto oblíquo e seu minarete de cal. Cidade dos casarões brancos. Portões do continente negro.

Sailing away in that ebbing tide, we allowed some of our thoughts to drift down into the depths. Imagining that an ancient Saracen ship in the darkness of the sea lay. Covered in barnacles, transformed into the shell of an extinct shellfish. A ghost corsair whose final voyage we would be embarking on that night. A vessel set to take us to Tangier and the eternal gateway to Africa, where we would catch sight of its oblique port and its limestone minaret. A city of white houses. Doorways to the black continent.

Antes, muito antes que os aviões convulsionassem os céus, esta foi a soleira de um continente. E nossa rápida passagem por lá foi como uma breve epígrafe dedicada à Ibn Battuta*, seu mais ilustre viajante. Nascido em Tanger, viajou três vezes mais que seu contemporâneo Marco Polo. Esse viajante berbere, ao contrário do veneziano, não estava em busca de mercadorias ou terras a serem exploradas. Em seus trinta anos de andanças, manteve ardente o desejo pela descoberta do caminho. Em busca de lugares santos, percorreu mais de quarenta países. Fez a peregrinação a Meca mais de uma vez e prosseguiu, sempre acreditando na veracidade de uma tradição profética que diz: *Deus facilitará o caminho ao paraíso para aquele que viaja em busca do conhecimento**.

Long, long before airplanes shook the skies, this was the portal to a continent. Our rapid passage through there was like a short epigraph dedicated to Ibn Battuta*, the city's most illustrious traveller. Born in Tangier, he ventured three times as far on his travels as his contemporary Marco Polo. Unlike the Venetian, this Berber traveller did not venture in search of merchandise or lands to be explored. In his thirty years of wanderings, he kept aflame the desire for discovery on the path. Seeking holy places, he travelled through more than forty countries. He made the pilgrimage to Mecca more than once and proceeded onwards, always believing in the truth of a prophetic tradition that declares: *Allah makes the way to paradise easy for him who treads the path in search of knowledge**.

O porto e o mar tinham ficado para trás, como num sonho longínquo. Nos encontrávamos em um velho trem, viajando em direção ao sul do Marrocos. O perfume da terra, a poeira que subia das ruas, os vastos mercados e os pássaros migratórios eram sinais de que havíamos chegado na África. Viajando sempre mais ao sul daquelas terras do poente até o fim do dia, quando uma penumbra espessa projetava-se aos pés do Atlas Menor. Na noite adentrada, só cintilavam a luz do trem e o fogo, sempre aceso nas usinas de extração de fosfato. Finalmente, o trem chega em uma estação um tanto desolada. “Chegamos, é aqui Oud Zem, Oud Zem, minha cidade”, diz Abdellah Samrani um pouco atrapalhado com as malas.

The port and the sea were left behind like a distant dream. We encountered an old train, travelling to the south of Morocco. The perfume of the land, the dust that arose from the streets, the vast markets and swarms of migrating birds were all signs that we had arrived in Africa. Journeying always further south of those western lands until the close of day, when a thick twilight spread over the foothills of the Lesser Atlas Mountains. Deep into the night, only the light of the train sparkled accompanied by the distant fires burning unceasingly in the phosphate extraction plants. Finally the train reached a somewhat desolate station. “We’ve arrived, this is Oud Zem, Oud Zem, my town,” says Abdellah Samrani, struggling a little with his luggage.

Seguimos depois por uma rua vazia. Andamos quatrocentos metros até um espaço aberto, onde várias ruas parecem se encontrar. Um café com mesas solitárias na calçada. Uma igreja abandonada desde os tempos da administração colonial. Encontramos um táxi que nos levou aos confins do bairro, até uma casa sem pintura e com a porta aberta, apesar da hora avançada. Seguindo uma senhora que enxugava as lágrimas, um coro entoava um som estridente que só sabem fazer as línguas roliças das mulheres desse país, quando querem expressar euforia e contentamento: o *Zaghruutá**.

Leaving the station, we walked down an empty street. We continued for four hundred metres to an open space where various streets seemed to meet. A café with solitary tables on the pavement. A church abandoned since the colonial era. There we found a taxi to take us to the outskirts of the district and an unpainted house with its door left ajar, despite the late hour. Accompanying an older woman as she wiped away tears, a chorus intoned a shrill sound known only to the rounded tongues of the women of this country, made when they wish to express euphoria and contentment: the *Zaghruutá**.

Amanhecer em uma cidade nova é um prodígio. A luz da manhã penetra as frestas e os recôncavos dissipando as sombras e dando uma cor inimaginável ao mundo. As ruas de repente se povoam com miríades de mascates, estudantes, trabalhadores e crianças. Mulheres que amarram os bebês nas costas. As casas são simples, mas ornadas com arabescos de gesso. Existe mesmo um luxo austero nas tapeçarias e um brilho baço nos azulejos, que nos remete aos tempos idos de uma gloriosa Andaluzia. Quando se chega de viagem ao *Maghreb**, a primeira coisa que acontece é ser levado aos banhos públicos; ali ficará inevitavelmente toda poeira da estrada acumulada por anos. Para a família de Abdellah Samrani era primordial que engordássemos com toda aquela classe de iguarias. *Couscous* toda sexta-feira. Um dia me ofereceram um romã que mais parecia uma bola de futebol!

Dawn in a new city is a wonder to behold. The morning light penetrates every nook and cranny, dispelling the shadows and imbuing the world with an unimaginable colour. The streets suddenly fill with throngs of hawkers, students, workers and children. Women with babies bound to their backs. The houses are simple but decorated with plaster arabesques. There is even an austere luxuriousness to the tapestries and a dull sheen to the tiles, taking us back to the era of a glorious Andalusia. When a traveller arrives in the *Maghreb**, the first thing to happen is for them to be taken to the public baths where, without fail, all the road dust accumulated over years will be left behind. For Abdellah Samrani's family it was paramount to fatten us up with delicacies. *Couscous* every Friday. One day they offered me a pomegranate that looked more like a football!

Em pouco tempo me habituei. Era como se eu tivesse sido adotado. Mas eu sentia que era preciso ir mais além, era preciso descobrir o propósito daquela viagem, como se algo me dissesse que viajar era colocar minha existência à prova. Como faz o cientista com os tubos de ensaio no laboratório mas experimentando a alquimia do espírito que se transforma no mundo. É bulir em uma essência imprevisível. Pois não foi na África que Michel Leiris tornou-se etnógrafo e Arthur Rimbaud tornou-se traficante de armas? Tudo isso me fazia pensar que viajar, viajar realmente, é reinventar a si mesmo. Era preciso seguir viagem, apesar da insistência de Abdellah e sua família, que já me consideravam um dos seus. Temiam os perigos do Saara e tentavam me dissuadir, dizendo que me encontrariam trabalho e esposa. Mas eu já tinha decidido. Agora era preparar a partida. Felizmente, o amigo me acompanharia até o começo do grande deserto.

In a short while I had acclimatized. It felt like I'd been adopted. But I also felt that I needed to go on further, I needed to discover the purpose of my voyage. Something told me that travelling involved putting my existence to the test. Like a scientist faced with test tubes in the laboratory. It was a matter of proving the alchemy of the spirit as it transforms in the world, swim in an unpredictable essence. Was it not in Africa that Michel Leiris became an ethnographer and Arthur Rimbaud became an arms dealer? All of these swirling ideas left me thinking that to travel, to really travel, involved a reinvention of self. I needed to continue my journey, despite the insistence of Abdellah and his family, who already considered me one of their own. They feared the dangers of the Sahara and tried to dissuade me, saying that they would find me work and a wife. But I had already made up my mind. Now I had to prepare for the departure. Fortunately my friend would accompany me to the edge of the great desert.

Cada quilômetro percorrido em direção ao sul fazia subir uma fração do termômetro. O ônibus seguia por montanhas e planícies infinitas deixando para trás o frio daquele dezembro norte-africano. Depois de dois dias de viagem, aproximávamo-nos de Marrakesh. A cidade toda vermelha cor de barro. As muralhas, os palácios e todas as casas são pintadas com um tipo de pigmento mineral. Foi a capital do antigo império almorávida*, onde morreu *Ibn Rushd*, mais conhecido no Ocidente como Averróis, filósofo, astrônomo, físico, tradutor e comentador de Aristóteles. Cidade cheia de segredos e encantadores de serpentes, onde a aurora explode com o chamamento de centenas de *muazins**, a anunciar a hora da oração e a chegada irremediável de um novo dia.

Each kilometre southwards was matched by a little rise in the thermometer. The bus motored through endless mountains and plains, leaving behind the cold of that North African December. After two days on the road we were approaching Marrakesh. The entire city a brick red. The walls, the palaces and all the houses are painted with a kind of mineral pigment. It was once the capital of the ancient Almoravid Empire*, where *Ibn Rushd* died, better known in the West as Averroes: philosopher, astronomer, physicist, translator and commentator on Aristotle. A city full of secrets and snake charmers, where dawn explodes with the call of hundreds of *muezzins**, announcing the time of prayer and the irrevocable arrival of a new day.

O deserto, porém, ainda estava longe. Ao cair da tarde, partimos em um novo ônibus. A paisagem da estrada agora era dominada por tamareiras e alguns povoados berberes. No ônibus, passageiros chegavam e partiam em uma ritmada substituição de lugares. Anciãos com tatuagens faciais que desciam do lábio inferior até o queixo pontiagudo. O motor rugia de dentro do chassis enferrujado. Por toda a noite venciam as distâncias como que ajudado por anjos de asas quilométricas. Na madrugada, uma pausa na rodoviária aberta de Agadir. O vento era morno. Entrado o dia, os viajantes ainda dormiam. A maior parte deles passou a noite toda sem pregar os olhos. Começam os primeiros sinais de um horizonte inteiramente branco. Ao longe, a areia brilhava como se nos enviasse mensagens em códigos de espelho. Finalmente, nos aproximamos de El Aaiún que, erguida em um oásis, é a maior cidade do Saara Ocidental. Era ali que o deserto começava a entrar pela porta das casas.

The desert was still far off, though. As early evening fell, we departed on a new bus. The landscape along the highway was now dominated by date palms and sporadic Berber settlements. On the bus passengers boarded and alighted in a rhythmic sequence of places. Elderly women with facial tattoos running from the lower lip to the tip of the chin. The engine roared inside the rusty chassis. It flew through the night as though helped by angels with kilometre-wide wings. In the early morning, a pause at the open bus station of Agadir. A warm wind. As day broke the travellers were still sleeping. Most had spent the entire night with their eyes wide open. The first signs of a completely white horizon appeared. In the far distance, the sand shone as though sending messages in mirror code. Finally we drew near to El Aaiún, built at an oasis, the largest city of the Western Sahara. It was there that the desert began to seep through the house doors.

No subúrbio moravam Aziz e Fatimah, o cunhado e a irmã mais velha de Abdellah Samrani. Entre o asfalto e as dunas, aquele conglomerado de casas disputava o espaço palmo a palmo com a areia. E eram tempos instáveis, dias antes a Frente Polisário tinha levantado armas e sitiado a cidade provocando grande estrago em bancos e órgãos administrativos. Reivindicavam a autonomia de um estado *sahrawi*. Os capacetes azuis da ONU iam e vinham a toda pressa. Mas eu só tinha olhos para o deserto. Estava como que arrebatado pela sua imensidão. Acontece que não existe transporte público que prossiga mais ao sul. Era preciso encontrar uma carona e negociar o preço com o motorista. Na saída da cidade tinha um posto de gasolina onde estacionavam os viajantes. Por dias seguidos estivemos ali, mas em vão. Nenhum sinal de companhia. Mais uma semana e eu já estava a ponto de voltar para trás quando Aziz nos informou: em dois dias deveria sair um furgão que transportaria uma mudança para Mauritânia.

In the suburb lived Aziz and Fatimah, Abdellah Samrani's brother-in-law and older sister. Between the asphalt and the dunes, the conglomerate of houses vied for space inch-by-inch with the sand. It was a turbulent moment. Days earlier the Polisario Front had taken up arms and besieged the city, causing huge damage to banks and administrative bodies. They were demanding autonomy for a *Sahrawi* state. The blue helmets of the UN forces were rushing around everywhere. But I only had eyes for the desert. I was enraptured by its immensity. There was no public transport to take me further south. I needed to find a lift and negotiate the price with the driver. On the road out of the city there was a petrol station where voyagers parked up. We spent days hanging around there, but in vain. No sign of company. Another week passed and I was ready to turn back when Aziz informed us: in two days' time a van would be leaving for Mauritania with someone moving house.

Por volta das oito horas da noite comparecemos no lugar marcado. Eu, Aziz e Abdellah. Não era mais do que uma encruzilhada de ruas. Uma esquina ordinária a partir da qual cada um seguiria, em breve, o seu próprio caminho. Um marco zero qualquer. Oito e quinze e nada de aparecer o furgão. Cada minuto arrastava um ponteiro de chumbo. Quem sabe houve algum imprevisto e por isso a viagem fora adiada? Oito e meia. Oito e quarenta e cinco. Naquele momento gostaria somente de dizer o quanto eu estava agradecido pela companhia deles. Realmente não sabia como agradecer tudo que Abdellah tinha feito por mim. Do meio do quarteirão reconheci a viatura, era o furgão que se aproximava. Lampejava em boa hora, pois estávamos aponto de desistir. No aturdimento da partida, consegui somente adivinhar o teor da conversa entre Aziz e o motorista. Em *daríjia**, Aziz pedia para o motorista jurar em nome de Deus que me levaria são e salvo. De repente, eu já estava dentro do furgão e via Abdellah do lado de fora. *A presto. Salam, fratello!*

Around eight in the evening we turned up at the meeting place. Myself, Aziz and Abdellah. It was no more than a road crossing. An ordinary street corner from where each of us would shortly follow his own path. An unremarkable ground zero. Eight fifteen and the van had still not appeared. The minute hand ticked round like lead. Perhaps something had cropped up and the journey had been postponed? Half eight. Eight forty-five. At that moment I only wanted to say how grateful I was for their company. I really didn't know how to thank Abdellah for everything he had done for me. Half a block down I recognized the vehicle. It was the van approaching. It had appeared just on time, we had been on the verge of giving up. In the daze of departure, I could only catch the rough substance of the conversation between Aziz and the driver. In *Darija**, Aziz asked the driver to swear to God that he would take me safe and sound. Suddenly I was already inside the van and saw Abdellah outside. *A presto. Salam, fratello!*

O deserto possui uma paisagem mutável. Uma tempestade de areia pode inventar um novo lugar, pode cobrir mesmo uma estrada, pode desenhar inesperadamente uma montanha onde nada existia. Talvez por isso exerça uma atração irresistível aos corações nômades. Na boleia do furgão eu figurava entre os peregrinos. Na frente, o motorista Ahmed no volante, eu e mais outro passageiro. Atrás, a esposa, o filho e uma senhora de idade cuja mudança vinha sendo transportada. Ganhávamos a estrada. Viajamos durante toda a noite. Eu simplesmente tinha o lugar mais incômodo de todos. Posso dormir sentado sem problemas, mas com a condição de apoiar a cabeça em algo, porém, ficar com o pescoço oscilando como um pêndulo, isso eu não podia. E essa era somente a primeira noite. Haveria ainda mais três noites até Nouakchott. Mas valia o preço para ver tudo aquilo. Pela manhã, encontramos o oceano Atlântico. A estrada ia serpenteando os dois infinitos, entre o branco das dunas e o branco da espuma das marés.

The desert possesses a mutable landscape. A sand storm can invent a new place, cover over a road, unexpectedly sculpt a mountain where none had existed. Perhaps for this very reason it exerts an irresistible attraction to the nomadic at heart. On the van ride I figured among the pilgrims. Up front, the driver Ahmed at the wheel, myself and another passenger. Behind, his wife, son and an elderly woman whose possessions were being transported. We took to the open road. We travelled all night. I simply had the most uncomfortable place of all. I can sleep sat upright without a problem, but so long as I can prop my head on something. But sleeping with my head swaying from side-to-side proved impossible. And that was just the first night. There were still another three nights until Nouakchott. But it was worth the price to see everything I saw. In the morning we reached the Atlantic Ocean. The road snaked between the two infinities, between the white of the dunes and the white foam of the tides.

Dois mil quilômetros de estradas tinham ficado para trás, desde a minha chegada ao norte do país. As roupas de frio também se iam pelo caminho. Na segunda noite, paramos em um refúgio. Uma lâmpada solitária no meio do nada. O motorista Ahmed era muito gentil, compartilhava tudo comigo. Seu filho o imitava em tudo. Tomamos sopa com um tipo de pão caseiro. Depois tomamos chá, que ficava melhor quando a chaleira versava o líquido longe do copo. Se fazia num movimento só: o braço direito esticado no alto, a derramar o chá fervente naquele copinho de vidro. Lá fora, a noite era densa. As estrelas emergiam de uma escuridão profunda. Era possível distinguir no céu que os pontos luminosos variavam em relação à proximidade com a Terra. Uma visão que nos provocava vertigem, dada a volumetria gigantesca que tínhamos sobre nossas cabeças. Ahmed então disse que o Criador havia solevado tudo para deixar em evidência Sua magnitude. Naquela noite, conversamos até muito tarde. Conversamos incrivelmente sobre as coisas mais indizíveis sem ao menos conhecer um o idioma do outro.

Two thousand kilometres of road had been left behind since my arrival in the north of the country. My winter clothes had also been left by the wayside. On the second night we stopped at a refuge. A solitary lamp in the middle of nowhere. The driver Ahmed was very kind, he shared everything with me. His son imitated everything he did. We ate soup with a kind of homemade bread. Afterwards we drank tea, which was better when the liquid was poured from the teapot high above the cup. This was done in a single movement: the right arm lifted high to pour the boiling tea into a little glass cup. Outside the night was dense. The stars emerged from a profound darkness. Looking up it was possible to tell that the shining points varied according to their proximity to the Earth. A view that made us dizzy with the gigantic volume suspended above our heads. Ahmed commented that the Creator had raised everything up high above to make evident His magnitude. That night we talked until very late. We talked incredibly about the most indescribable things without even knowing each other's language.

Chegamos à fronteira no dia seguinte. A alfândega era somente um lugar empoeirado, frequentado por pessoas que se encontravam no meio do caminho. Camelos pastavam desinteressados pela burocracia aduana. Um oficial se abanava na porta do escritório. A primeira impressão ao entrar nesse país foi a de ter feito uma viagem no tempo. Lá os homens usam turbantes que podem ter até oito metros de tecido. Por vezes um turbante, chamado *imama*, pode cobrir toda a cabeça deixando visível somente os olhos. As túnicas são bordadas com sóis, luas e outras figuras geométricas. As mulheres se envolvem, dos pés a cabeça, em tecidos e estampas coloridas. Depois de esperar pelos procedimentos alfandegários, seguimos viagem desviando um pouco a rota em direção ao oeste. Próximos de Nouadhibou, encontramos a casa da senhora que ficaria ali com sua mudança. Ajudamos a carregar sua mobília. Uma cama, um armário, uma mesa e cadeiras. Na despedida, ela se aproximou e, como se fosse apertar minha mão, entregou-me uma nota de mil *uquiyas**. Tentei restituir-lhe o dinheiro mais ela não aceitou e ainda suplicou a Deus que os perigos fossem removidos do meu caminho e que eu me encontrasse sempre entre os bem-aventurados.

We reached the border the next day. The customs house was just a dusty place, frequented by people who had met each other on the road. Camels grazed aloof from all the customs bureaucracy. One official fanned himself in the office doorway. The first impression on entering this country was of completing a journey through time. There the men used turbans that must have been formed from up to eight metres of fabric. Sometimes a turban, called *imama*, can cover the entire head, leaving only the eyes visible. The tunics are embroidered with suns, moons and other geometric figures. The women are wrapped from head to foot in fabrics adorned with colourful patterns. After the customs procedures were completed, we continued our journey, diverting slightly off route westwards. Close to Nouadhibou we encountered the house of the old woman who was moving home. We helped carry her furniture. A bed, a wardrobe, a table and chairs. On saying farewell, she came up to me and, as though about to shake my hand, handed me a thousand *ouguiya* banknote*. I immediately tried to return the money but she refused and also pleaded to God for all dangers to be removed from my path and for me to find myself always among the blessed.

A princípio, viajar pelo deserto é como buscar algo onde nada existe. Porém, quando nele estamos, temos a sensação de termos encontrado tudo ali, e que jamais poderemos viver novamente em uma cidade contaminada. Como abandonar essa pureza, esse silêncio? Uma vez que o espírito prova dessa quietude, nenhum outro estado poderá oferecer-se atraente. Velhos profetas sempre preferiram as areias solitárias à convivência corrompida. Como *Mussa**, que peregrinou e jejuou por quarenta dias no Sinai, até perceber que Deus falava com ele por detrás de um véu. Tamanha era sua curiosidade, que *Mussa* pediu a Deus que levantasse o véu para que pudesse fitar com os próprios olhos Sua face gloriosa. Deus respondeu-lhe dizendo que apareceria no cume da montanha, mas advertiu que seria necessário suportar essa visão para que seu desejo fosse correspondido. Então, a montanha foi fulminada a pó e o velho profeta caiu por terra desmaiado. Deus permanece sempre velado, atrás de setenta mil cortinas de luz.

In principle, travelling through the desert is like searching for something where nothing exists. When we are in the desert, though, we have the feeling of having found everything there and the impression that we could never live again in a contaminated city. How could anyone abandon this purity, this silence? Once the spirit has sampled such quietness, no other state can appear attractive. Ancient prophets always preferred the solitary sands to corrupted conviviality. Like *Musa**, who wandered and fasted for forty days and nights on Mount Sinai until he realized that God was speaking to him from behind a veil. Such was his curiosity, *Musa* asked God to raise the veil so that he could behold His glorious face with his own eyes. God answered that he would appear to him on the mountain top, but warned that fulfilling his desire would mean having to bear this vision. So the mountain was turned to dust and the ancient prophet collapsed to the ground in a faint. God always remains veiled through seventy thousand curtains of light.

Pela manhã, chegamos em Nouakchott, capital da Mauritânia, onde outrora viajavam caravanas, pelas rotas transaarianas, levando, além do ouro, sal e noz de cola, civilizações e culturas. Ainda hoje nômades e sedentários se misturam nessa metrópole de areia. Berberes, fulas*, árabes, wolofes, saracoles e tuaregues. Com a entrada na cidade, após a descida do último passageiro, segui viagem com Ahmed e sua família. Mas agora o objetivo era ir além do deserto. Pela última vez montamos no furgão em direção da *Mahata** Selibabi, onde eu encontraria o *sept-places** que me levaria até Rosso, na fronteira com o Senegal.

In the morning, we reached Nouakchott, the capital of Mauritania, where caravans once journeyed along trans-Saharan routes, carrying, along with their gold, salt and kola nuts, civilizations and cultures. Still today nomads and sedentary folk mingle in this sand metropolis. Berber, Fula*, Arab, Wolof, Soninke and Tuareg. On entering the city, after the last passenger had alighted, I continued the journey with Ahmed and his family. But now the objective was to go beyond the desert. For the last time we got into the van, heading towards *Mahata** Selibabi, where I would find the *sept-places** that would take me to Rosso, on the border with Senegal.

Após ter sido confiado ao novo chofer, sentei-me no banco de trás do *sept-places*. Penso que viajar no mundo muçulmano é como ser passado de mão em mão. Quero dizer, as pessoas se responsabilizam por aqueles que lhes acompanham. Por isso, nunca se está realmente sozinho. Aliás, é quando se viaja sozinho que se está mais misturado com a gente. Assim, o carro deixava a cidade com seus sete passageiros. Nos arrabaldes de Nouakchott ganhávamos outra vez o desconhecido. Ali, o deserto de areia dava lugar a uma mata de arbustos. Um tipo de savana. Entrávamos, mais propriamente e pouco a pouco, no limite geográfico entre o deserto e a floresta. Essa grande fronteira natural chamada *sahel**, perpassa muitos países do *Bilad al-Soudan**. A estrada, era, na sua maior parte, de chão batido, o que fazia com que o carro andasse lentamente. Assim, já era noite quando chegamos e a alfândega já estava fechada. Entrar no Senegal só amanhã. *In cha Allah**.

After being entrusted to the new chauffeur, I sat down on the rear seat of the *sept-places*. Travelling in the Islamic world is like being passed from hand to hand. What I mean is that people take responsibility for those in their company. Consequently you never really feel alone. In fact it is when you travel alone that you most mix with other people. So the car left the city with its seven passengers. On the outskirts of Nouakchott we once more reached the unknown. There the sand desert gave way to scrubland. A kind of savannah. More precisely, and little-by-little, we were entering the geographic boundary between desert and forest. This great natural frontier zone, the *Sahel**, spreads across many countries of *Bilad al-Soudan**. The road was mostly dirt track, which meant that the car travelled slowly. Night had already fallen therefore by the time we arrived and the customs house was closed. We would enter Senegal only in the morning. *Inshallah**.

O moleque que rondava a alfândega me levou para uma pensão. O dono era libanês e tinha vindo da Costa do Marfim, durante a guerra civil, trazendo de lá suas quatro esposas marfinenses. De resto, a pensão estava vazia. De manhã, tentei mais uma vez chegar até a alfândega. A cada dez metros eu era abordado por alguém que se oferecia como atravessador de fronteira em troca de pagamento. Finalmente, com o passaporte carimbado atravessei o Rio Senegal de piroga até o outro lado e aportei pela primeira vez nesse país. Com o passaporte novamente carimbado andei uns trezentos metros até a garagem em busca de um novo *sept-places* que me levaria até Dakar.

The kid who was hanging around the customs house led me to a hostel. The owner was Lebanese and had come from the Ivory Coast during the civil war, bringing his four Ivorian wives with him. The rest of the hostel was empty. In the morning I tried again to reach the customs house. Every ten metres I was approached by someone who offered to cross the border with me in exchange for a fee. Finally, my passport stamped, I traversed the Senegal River by pirogue to the other side and landed in the country for the first time. My passport freshly stamped again, I walked three hundred metres to the garage in search of a new *sept-places* to take me on to Dakar.

Assim que os sete passageiros ocuparam os assentos do carro, deixamos a fronteira para trás e entramos na *route nationale*. Plantações de cana apareciam do lado debaixo do rio. A estrada nos conduzia para dentro do *Fouta Toro*. Ali, onde El Hadji Oumar Tall declarou *jiḥad** contra a nefasta ocupação francesa. No Senegal e em muitos países africanos o Islam desempenhou um papel decisivo na resistência contra o colonialismo. Durante a viagem fiz amizade com Seydou, um rapaz que me contou estar voltando da Líbia, depois de um ano tentando imigrar para Europa em barcos clandestinos. De alguma maneira nossa história era semelhante, embora andando em direções opostas. Seguimos viagem atravessando pequenos povoados. Na beira da estrada vendedores de fruta, água e amendoim. Ao meio-dia fizemos uma breve pausa para o almoço. O sol se encontrava em seu zênite absoluto.

As soon as the seven passengers had filled the car seats, we left the border behind and joined the *route nationale*. Sugar cane plantations lined the roadside below the river. The highway took us deep into the *Futa Toro*. There where El Hadji Oumar Tall had declared a *jiḥad** against the nefarious French occupation. In Senegal and many other African countries, Islam played a decisive role in the resistance to colonialism. During the journey I became friends with Seydou, a lad who told me that he was returning from Libya after a year spent trying to migrate to Europe in clandestine boats. Our stories were in some ways similar, albeit travelling in opposite directions. Our voyage continued, passing through small settlements. Along the roadside, vendors sold fruit, water and peanuts. At midday we stopped briefly for lunch. The sun was at its absolute zenith.

Então Seydou me convidou para um belo prato de *thiébou djeun**. Depois do almoço, retomamos a marcha. O carro ia embalado pela brisa morna da tarde. Os passageiros tagarelavam em *wolof* que é a língua franca que se popularizou entre as etnias no processo de unificação nacional. Viajar é expor os ouvidos a incontáveis timbres sonoros e vozes melodiosas. Entonações imprevisíveis. Polifonias. Até os pequenos fonemas pareciam guardar segredos latentes. Nos aproximávamos da península. Coqueiros ao vento acenavam à nossa passagem. Antes do final da tarde começávamos a entrar no perímetro urbanizado. Pouco a pouco, ia-se configurando o vulto de uma grande cidade.

So Seydou invited me to eat a beautiful plate of *thiébou djeun**. After lunch we resumed the trek. The car was helped along by the warm afternoon breeze. The passengers chattered away in *Wolof*, the lingua franca that became popularized among the diverse ethnic groups during the national unification process. To travel is to expose ones ears to countless acoustic timbres and melodious voices. Unpredictable intonations. Polyphonies. Even the small phonemes seemed to hold latent secrets. We began to approach the peninsula. Coconut trees waved in the wind as we passed. Mid-afternoon we began to enter the urbanized perimeter. Slowly the immensity of a great city showed its face to us.

Com a chegada, Seydou perguntou se eu gostaria de me hospedar em sua casa. Parte de sua família morava em Pikine, que é um grande bairro na periferia de Dakar. Mais uma vez, em meio a um reencontro familiar, senti saudades de casa. Pensei, naquele momento, em quantas despedidas seriam necessárias para um só reencontro? Senti que tudo passa tão rápido e que há momentos em que chegada e a partida se assemelham muito. Dakar é uma bela cidade litorânea. Banhada por um oceano vigoroso, com várias ilhas fabulosas: *Île de Ngor*, *Île aux Serpents* e *Île de Gorée*. É precisamente nesta última que se encontra a *maison des esclaves**, que foi um entreposto de venda e embarque do tráfico negreiro. No sombrio porão, que faz ligação com a enseada, é onde se encontra a *porta sem retorno*.

On our arrival, Seydou asked whether I would like to stay at his house. Part of his family lived in Pikine, a large district on the Dakar outskirts. Once again, swept up in a family re-encounter, I felt a longing for home. At that moment I wondered how many farewells would be necessary for just one re-encounter? It felt like everything was passing so quickly, filled with moments when arriving and leaving are almost the same. Dakar is a beautiful coastal city. Bathed by strong ocean currents with a number of fabulous islands: *Île de Ngor*, *Île aux Serpents* and *Île de Gorée*. It is precisely on the latter that the *maison des esclaves** is found, a trading post for selling and shipping captives during the times of slavery. In the dark basement, which connects to the bay, is the location of the *door with no return*.

Depois de duas semanas em companhia de meu novo amigo, expressei-lhe o desejo de continuar viagem rumo ao interior. Dizem que é preciso ir ao campo para melhor conhecer um país. Então Seydou fez os preparativos para minha viagem, contatando seus familiares e, depois de alguns dias, levou-me até a *Garage Pompier**, no centro da cidade. Encontrado o *sept-places* amarramos minha bagagem na capota do carro, que se destinava à cidade de Kaolack. Como era de costume, Seydou fez as devidas recomendações sobre minha pessoa ao chofer e depois nos despedimos. Parti mais uma vez, mas agora pelas estradas da península passando pelas vilas e aldeias costeiras. Rufisque foi uma delas. Recebeu esse nome, por corruptela, pelo fato de os portugueses terem ali encontrado um rio fresco. Aos poucos, o interior foi se alargando em planícies dominadas por um amarelo árido. O clima era tórrido e a temperatura ia aumentando na medida que nos distanciávamos do mar. O calor era tanto que tivemos de fazer uma parada para trocar a água fervida no radiador.

After two weeks in the company of my new friend, I told him my wish to continue my journey inland. People say that you need to see the rural world to better understand a country. So Seydou made the preparations for my trip, contacting his family and, some days later, took me to *Garage Pompier** in the city centre. After locating the *sept-places* we tied my baggage to the bonnet of the car, which was heading to the city of Kaolack. As per custom, Seydou made the due recommendations about myself to the driver and we then said goodbye. I was leaving again, but now along the peninsula roads, passing through small coastal towns and villages. Rufisque was one of them. It had received this name, in corrupted form, due to the fact that the Portuguese had discovered a freshwater river there. Slowly the inland region opened up into plains dominated by an arid yellow. The climate was torrid and the temperature rose as we drove further and further away from the sea. The heat was so intense that we had to stop to swap the boiling water in the radiator.

Quando se viaja pelo *sahel* é comum deparar-se com árvores impressionantes. Na vasta planície, espalham-se acima da linha do horizonte os *baobabs** centenários. E para um viajante exausto, sua sombra é irresistível como uma miragem. Sentado sobre a raiz daquela árvore gigantesca avistei algo que se movia. Ao longe, caminhando debaixo do sol, aquele pontinho ia tomando a forma de uma figura humana. Um homem que se metamorfoseava em meio a vapores que exalavam do chão. Pouco a pouco se discernia um tipo de asceta, vestindo um *boubou** de trapos coloridos. A tez variava do negro chamuscado ao cinza opaco que nela se impregnava pelo sal dos caminhos. Um dervixe. E ele vinha em minha direção. Com os olhos brilhantes, perguntou se eu não sabia que era ruim ficar debaixo dessas árvores, pois, ali costumam morar muitos gênios. Preferi responder a sua pergunta com uma outra, perguntando-lhe por que andava sozinho por aqueles ermos, o que procurava? Assim, contou-me uma história muito antiga:

Impressively-sized trees are a common sight when travelling through the *Sahel*. On the vast plain, the centuries-old *baobabs** spread out over the horizon. And for the exhausted traveller, their shade is just as irresistible as a mirage. Sat on the roots of one gigantic tree I caught sight of something moving. In the distance, striding below the sun, was a little dot that gradually transformed into a human figure. A man metamorphizing from the vapour exhaled from the ground. Little by little a kind of ascetic became discernible, wearing a *boubou** of coloured rags. His skin varied from singed black to the opaque grey of the impregnated salt from the trails. A dervish. And he was walking towards me. With shining eyes, he asked if I knew just how bad it was to stay underneath those trees, given how many genies tend to live in them. I preferred to respond to his question with another, asking him why he walked alone through this wilderness, what was he searching for? And so he told me a very old story:

“Em um tempo esquecido, existiu um sultão que ficara conhecido como o sultão contemplativo. Dele se dizia, que embora gozasse de muito poder e possuísse vastas terras, encontrava-se triste sobre seu trono. Nem o brilho das espadas ou a velocidade dos cavalos vermelhos podiam dissipar as nuvens negras de seus olhos. Além disso, deixara de acreditar em seus súditos. Taciturno, desprezava tudo a seu redor. Até que, finalmente, decidira abdicar do reino. Decidira abrir mão de tudo e largar-se pelas estradas em busca de conhecer a verdadeira vida. Andou por caminhos insalubres. Evitou a companhia de caravanas. Andava só. Dormia ao relento. No entanto, por onde passava, não encontrava alguém que pudesse mostrar-lhe a verdade. Devido aos maus tratos das viagens suas roupas se esfarraparam. Passou, então, a ser enxotado das aldeias e a buscar refúgio no deserto. Se afastou de qualquer rota. Andou para além de suas forças e, quando estava prestes a sucumbir, percebeu a seu lado a presença de um velho. Antes que sua alma expirasse, moveu os lábios com o intuito de perguntar a ele qual era a verdade que estivera a buscar durante toda sua vida. Então disse-lhe o velho que a coisa mais verdadeira na vida era a própria morte, pois não há alma capaz de evitá-la.”

“In a long-forgotten time there lived a sultan who had become known as wistful. People said that though he held much power and possessed vast lands, he sat sadly upon his throne. Neither the shine of the swords nor the speed of the red horses could dispel the black clouds from his eyes. Furthermore, he had ceased believing in his subjects. Taciturn, he shunned all around him. Until finally he decided to abdicate his realm. He relinquished everything and took to the roads in a quest to learn the truth of life. He wandered along insalubrious paths. He avoided the company of caravans. He walked alone. He slept rough. No matter where he ventured, however, he was unable to find anyone who could show him the truth. The harshness of his travels had left his clothes in tatters. He began to be cast out of the villages, therefore, and sought refuge in the desert. He stayed off any used routes. He walked beyond his very last ounce of strength and, just as he was about to succumb forever, he perceived the presence of an old man next to him. Before his soul expired, he moved his lips to ask him what was the truth he had been searching for all his life. And the old man told him that the truest thing in life was death itself, because no soul can avoid it.”

SPEED 2

Era como se o velho, de algum modo, quisesse dizer que devemos morrer em nossa antiga vida renunciando às ilusões provocadas pelo nosso ego. Que devemos sepultar as vaidades, os desejos e as distrações mundanas. Que devemos empreender o caminho do viajante interior, pois a alma não é mais que um pássaro preso na gaiola do corpo. E a criatura passa cada segundo de sua existência ansiando retornar ao Criador. Por desprezo a essa realidade passageira, os místicos do passado vestiram a túnica miserável simbolizando a mortalha que envolve o cadáver e a *taquia** rústica de pelo de camelo simbolizando a lápide sobre a cabeça. Naquele momento, eu teria acompanhado o dervixe, tornando-me parte de sua narrativa, se não fosse o chofer buzinar acenando para que eu voltasse ao carro, já ligado e pronto para continuar viagem.

It was as though the old man, in a way, wanted to say that we should die in our former life, renouncing the illusions provoked by our ego. We should bury our vanities, desires and worldly distractions. We should take the path of the inner traveller, since the soul is no more than a bird imprisoned in the body's cage. A creature that spends every second of its existence pining to return to the Creator. Scornful of this fleeting reality, the mystics of the past dressed in wretched tunics, symbolizing the shroud that wraps the corpse, and wore the rustic *taquia** made from camel fur, symbolizing the gravestone over the head. At that moment, I would have accompanied the dervish, transformed into part of his narrative, were it not for the driver beeping the horn for me to return to car, its motor already running and ready to resume the voyage.

De volta à estrada, seguimos viagem rumo ao interior. Na maior parte do tempo cruzávamos com veículos pesados. Caminhões que iam e vinham do Mali até o porto de Dakar. A viagem, por isso, era muito demorada. A condição da rodovia piorava à medida que avançávamos. O trecho Fatick–Kaolack era o derradeiro e o mais sofrido. No céu, trafegavam nuvens colossais. No final da tarde, aproximamo-nos da cidade. Quando chegamos, Boubakar, o irmão de Seydou, já me esperava na estação. Cordialmente, ajudou-me com a mochila. Subi na garupa da *jakarta** que nos levaria até sua casa.

Back on the road, we continued our journey deeper inland. Most of the traffic we encountered were heavy vehicles. Trucks that shuttled to and fro between Mali and the port of Dakar. As a result the voyage was extremely slow. The state of the highway deteriorated as we progressed. The Fatick–Kaolack section was the last one and the toughest. In the sky colossal clouds wafted by. By the end of the afternoon, we had reached the city. When we arrived, Boubakar, Seydou’s brother, was already waiting for me at the station. Cordially he helped me with the rucksack. I climbed on the back of the *jakarta** that would take us to his house.

Com a motocicleta, andamos em uma longa avenida até entrarmos em uma rua de terra. Atrás de nós subia um rastro de poeira. De repente, surgia um bairro com algumas casas espalhadas. A do meu amigo era bem construída e, ao entrarmos, deparei-me com uma calorosa recepção. Toda família de Seydou me esperava. Além do pai, que era gentil e cerimonioso, vestido com um grande *boubou*, vieram as mães e os dezessete irmãos e irmãs, que aos poucos se apresentavam. Surgiram também alguns vizinhos e outras crianças. Todos estavam curiosos para conhecer aquele tímido hospede. Davam-me as boas vindas com muita alegria. Não é à toa que o Senegal é tido como o *pays de la téranga*. O país da hospitalidade.

On the motorbike we drove along a lengthy avenue before turning into a dirt road. A plume of dust rose behind us. Suddenly a neighbourhood appeared with a few scattered houses. My friend's house was well built and, as we entered, I received a warm welcome. All of Seydou's family were waiting for me. After the father, who was gentle and ceremonious, dressed in a large *boubou*, came the mothers and the seventeen brothers and sisters, who each introduced themselves one-by-one. A number of neighbours also appeared along with other children. All of them were curious to meet their timid guest. They bid me welcome with much joy. It is no coincidence that Senegal is known as the *pays de la téranga*. The country of hospitality.

No dia seguinte, foi minha vez de visitar a casa dos outros *Babas** para ser respeitosamente apresentado aos notáveis da comunidade. O vilarejo era composto por não mais do que trinta famílias, na maioria autóctones, pescadores sérères do *Sine Saloum* e imigrantes fulas vindos do *Fouta Djallon*. As casas, construídas ao longo de um lago salgado, tinham cor de areia e se espalhavam pelas salinas. No centro, uma pequena mesquita construída em estuque.

The next day it was my turn to visit the house of the other *Babas** and be respectfully presented to the community's prominent figures. The hamlet was made up of no more than thirty families, most of them autochthonous, Serer fisherpeople from *Sine Saloum* and Fula immigrants originally from *Fouta Djallon*. The houses, built alongside a salt lake, were sand-coloured and spread across the salt pans. In the centre, a small mosque constructed in plaster.

Baba Diallo, o pai de Seydou e de toda nossa casa, era um senhor tranquilo, sóbrio e piedoso. Muito respeitado na comunidade. Amável com os filhos. Vestia sempre roupas tradicionais. Trabalhava no *grand marché* de Kaolack e quando voltava para casa estava sempre absorto com a leitura do Alcorão. Ocupava-se todo e qualquer tempo livre com suas orações. Algumas vezes lembrava e tinha saudades de sua terra natal, *Fouta Djallon*, na Guiné. Relembrava o paraíso terrestre e a grande floresta que deixara para trás para vir fazer sua vida no Senegal. Contava muitas histórias sobre os fulas, a extensa etnia de viajantes e pastores nômades, ciganos africanos que se espalharam pela África, oriundos de uma terra mítica nas margens do Rio Nilo*.

Baba Diallo, father of Seydou and all our house, was a calm, sober and pious man. Greatly respected in the community. Loving to his children. Dressed always in traditional clothes. He worked in Kaolack's *grand marché* and when back home he would be forever absorbed in reading the Quran. Any spare time was spent in prayer. Sometimes he remembered his homeland, *Fouta Djallon*, in Guinea and felt homesick. He recalled the terrestrial paradise and great forest he had left behind to make his life in Senegal. He told many stories about the Fula, the extensive ethnic group of travellers and nomadic herders, African gypsies who spread throughout Africa, originating from a mythic land on the shores of the River Nile*.

E foi nessa pequena aldeia que eu encontrei o mundo. Notei que muitas das famílias que lá viviam estavam ligadas por relações de parentesco, formando praticamente uma única família. Toda ocasião de encontro era como uma fonte inesgotável, a brotar gestos, palavras e olhares, sempre espontâneos e inesperados. Orbitavam, em torno dela, acontecimentos amistosos, embalados por um tempo ralentado, que a cada manhã se media pelo içar radiante do sol no horizonte e pelo seu mergulho, resplandecente e moroso, de volta ao mistério da noite.

And it was in this small village that I encountered the world. I noted that many of the families living there were connected by kinship relations, forming practically a single family. Every encounter was an inexhaustible source of gestures, words and looks, always spontaneous and unexpected. He was the centre of gravity for amicable events, paced by a slower time, measured each morning by the beaming rise of the sun on the horizon and by its plunge, resplendent and morose, back into the mystery of the night.

محافظة القاهرة
هيئة النقل العام
مشروع النقل الجماعي

510833

F

٢ جنيه

الواتس للنقل الجماعي

Encontrei na África, como outros viajantes, o lugar privilegiado da experiência iniciática. Porém, ao contrário de Joseph Conrad, que chegou sombriamente, conforme descreve em seu *Coração das Trevas*, ao âmag do território desconhecido de si mesmo ao embrenhar-se na selva do Congo, meu coração estava sereno e iluminado. Era do encantamento que provinha a minha catarse: da admiração e respeito profundo pelas pessoas que lá encontrei. Contudo, já havia feito planos para prosseguir viagem, mas hesitava em uma bifurcação de caminhos. Se seguisse a leste poderia continuar até o Mali. Se continuasse descendo, em poucas horas, chegaria à Gâmbia. E teria sido assim se não fosse um estranho acontecimento.

Like other travellers, in Africa I encountered the epicentre of my initiatory experience. Unlike Joseph Conrad, though, who arrived at a bleak place, as he describes in *The Heart of Darkness*, at the core of the unknown territory of himself as he ventured deep into the Congo jungle, my own heart was serene and sunlit. My catharsis derived from enchantment: from the admiration and deep respect for the people I met there. However, I had already made plans to continue the voyage, but hesitated at a fork in the road. If I headed east I could carry on to Mali. If I continued south, in a few hours I would reach Gambia. And so I would have, had a strange event not occurred.

Foi na boca do Rio Gâmbia que um explorador e traficante de escravos italiano, Alvise Cadamosto, avistou pela primeira vez a constelação que mais tarde orientaria os barcos que se aventuraram na travessia atlântica. Por volta de 1455, ele registra em seu diário as cinco estrelas que viriam a ser conhecidas como a constelação do Cruzeiro do Sul chamando-as de *carro dell'ostro*. Mas, para mim ela foi uma reaparição inesperada. Foi quando Baba Diallo veio acordar os meninos, ainda sonolentos, para a oração da alvorada. Luzia no firmamento – como uma visão mágica, um sinal enquanto íamos fora da casa para realizar as abluções* rituais que precedem a oração. Subitamente me dei conta de que havia chegado, após essa minha peregrinação, na esquina do mundo. Estava pronto para saltar de volta para o hemisfério sul, onde o Carro do Austro é sempre visível. Vieram à minha memória imagens nostálgicas do céu da minha infância, das noites estreladas nos telhados e terrenos baldios. O reencontro fortuito com essa velha companheira fez crescer em mim a vontade de voltar para casa.

It was at the mouth of the Gambia River that an Italian explorer and slave trader, Alvise Cadamosto, first saw the constellation that would later guide ships venturing across the Atlantic. Around the year 1455 he recorded in his diary five stars that would later become known as the Southern Cross, calling them *carro dell'ostro*. But for me it was an unexpected reappearance. It happened when Baba Diallo came to awaken the boys, still sleepy, for dawn prayer. The constellation was shining in the firmament – like a magical vision, a sign appearing while we went outside performing the ritual ablutions* that precede prayer. I suddenly realized that I had arrived, after my long pilgrimage, at the corner of the world. I was ready to leap back into the southern hemisphere where the Southern Chariot is always visible. My mind was filled with nostalgic memories of the sky of my childhood, the starry nights of rooftops and open ground. The chance re-encounter with this old companion nourished the desire in me to return home.

Voltar para casa depois de tanto tempo era um pensamento que me assaltava ocasionalmente como o zumbido de uma mosca. Era uma ideia desacreditada. Foi só depois desse reencontro que comecei a ponderar seriamente. Era como se a Carruagem do Sul me esperasse, sinalizando o caminho de volta. De certo modo, era como se me dissesse que eu finalmente tinha conseguido chegar em algum lugar. E a viagem mais longínqua é aquela que nos transporta para mais próximo de nós mesmos. Ainda que nos encontremos inertes, será para nós tão difícil perceber que os corpos celestes, entre eles o planeta no qual estamos montados, também viajam? Naquele momento, tudo me fazia pensar nos caminhos e descaminhos por mim trilhados ao longo de oito anos que se passaram tão rapidamente. Como um viajante que só depois de ter sua fronte sulcada pelo vento de proa, ou a sua coluna arqueada no lombo de um cavalo é que vislumbra a chegada. Voltar para casa era o mesmo que seguir viagem, virar a página.

Returning home after so long was a thought that assailed me occasionally like the buzzing of a fly. It was a notion instantly dispelled. Only after this re-encounter did I begin to ponder the idea seriously. It was as though the Southern Chariot awaited me, signalling the path back home. In a way, it was telling me that I had finally managed to reach somewhere. And the longest journey is the one that transports us closer to ourselves. Even if we stay still, is it so difficult for us to perceive that the celestial bodies, including the planet on which we find ourselves, also travel? At that moment, everything made me think of the trails and detours along which I had trekked over eight years, a period that had passed so quickly. Like a traveller who only glimpses the arrival point after having his forehead battered by the headwind, or his spine curved riding on the back of a horse. Returning home was the same as continuing the voyage, a turning of the page.

L'AFRIQUE

1935
(ERYTHRÉE..CÔTE FRANÇAIS
ETHIOPIE.. SOMALIE BR
SOMALIE ITALIENNE.. KEI
SOUDAN ANGLO-EG

Echelle : 1:6.000.

0 50 100 200 300

índice

index

17	CAIRO - EGITO	2014
18 – 19	CAIRO - EGITO	2014
20	CAIRO - EGITO	2014
22 – 23	CAIRO - EGITO	2014
25	CAIRO - EGITO	2014
26 – 27	CAIRO - EGITO	2014
35	SAARA - EGITO	2015
36 – 37	ASWAN - EGITO	2015
39	CAIRO - EGITO	2015
40 – 41	CAIRO - EGITO	2014
42 – 43	ISTAMBUL - TURQUIA	2013
45	BAHARIA - EGITO	2014
46 – 47	SAARA - EGITO	2014
56 – 57	KAOLACK - SENEGAL	2013
59	MEDINA - ARÁBIA SAUDITA	2011
60	KAOLACK - SENEGAL	2013
62 – 63	KAOLACK - SENEGAL	2013
65	KAOLACK - SENEGAL	2013
66	KAOLACK - SENEGAL	2013
69	OUED ZEM - MARROCOS	2010
70	KAOLACK - SENEGAL	2013
72 – 73	KAOLACK - SENEGAL	2013

82 – 83	SÃO PAULO - BRASIL	2013
84 – 85	SÃO PAULO - BRASIL	2013
87	SÃO PAULO - BRASIL	2013
88 – 89	FRANCO DA ROCHA - BRASIL	2013
90	BOTUCATU - BRASIL	2013
92 – 93	SÃO PAULO - BRASIL	2012
94 – 95	SÃO PAULO - BRASIL	2013
97	SÃO PAULO - BRASIL	2013
98 – 99	ROSSO - MAURITÂNIA	2010
100	SÃO PAULO - BRASIL	2013
102 – 103	DAKAR - SENEGAL	2013
112	CAIRO - EGITO	2015
115	CAIRO - EGITO	2015

2014	CAIRO - EGITO	116 – 117
2015	CAIRO - EGITO	119
2015	CAIRO - EGITO	120 – 121
2015	CAIRO - EGITO	123
2014	CAIRO - EGITO	124 – 125
2014	CAIRO - EGITO	136 – 137
2015	CAIRO - EGITO	139
2015	CAIRO - EGITO	141
2015	CAIRO - EGITO	142 –143
2013	KAOLACK - SENEGAL	144
2015	CAIRO - EGITO	147
2013	KAOLACK - SENEGAL	148 – 149
2011	JABAL UHUD - ARÁBIA SAUDITA	159
2015	CAIRO - EGITO	160

162 – 163	KONYA - TURQUIA	2013
165	ASWAN - EGITO	2015
168 – 169	CAIRO - EGITO	2014
171	KAOLACK - SENEGAL	2013
172 – 173	KAOLACK - SENEGAL	2013
180 – 181	SÃO PAULO - BRASIL	2014
183	SÃO PAULO - BRASIL	2014
184 – 185	SÃO PAULO - BRASIL	2014
187	CAIRO - EGITO	2015
188	ABU DHABI - EMIRADOS ÁRABES	2014
190 – 191	CAIRO - EGITO	2015
198 – 199	ISTAMBUL - TURQUIA	2013
200 – 201	KONYA - TURQUIA	2013
203	ISTAMBUL - TURQUIA	2013

2013	ISTAMBUL - TURQUIA	204
2013	ISTAMBUL - TURQUIA	206 – 207
2013	ISTAMBUL - TURQUIA	210 – 211
2013	ISTAMBUL - TURQUIA	212 – 213
2016	RIYADH - ARÁBIA SAUDITA	214 – 215
2011	MECA - ARÁBIA SAUDITA	222 –223
2015	CAIRO - EGITO	224
2013	KAOLACK - SENEGAL	227
2011	KAOLACK - SENEGAL	228 – 229
2013	FRANCO DA ROCHA - BRASIL	231
2010	SAARA - MAURITÂNIA	232 – 233
2016	SÃO PAULO - BRASIL	234
2014	CAIRO - EGITO	236 – 237
2014	SAARA - EGITO	239

از صراط قائم

g l o s s á r i o

g l o s s a r y

Abd Al-Rahman al-Baghdad (-1881): Viajante e sábio muçulmano. Como clérigo, embarca na frota da marinha otomana que, pela ação de uma forte tempestade, desviou-se de sua rota original, aportando em 1866 no Rio de Janeiro. Ao chegar na costa brasileira vestindo roupas muçulmanas, despertou a atenção de africanos, que se aproximaram dele com a saudação islâmica *Assalam Alaikum*. Para a surpresa do Cheikh, que não imaginava encontrar muçulmanos no Novo Mundo, e a pedido dos mesmos, decide permanecer no país com a finalidade de divulgar a religião. Autor do manuscrito *Deleite do estrangeiro em tudo o que é espantoso e maravilhoso*, escreve durante os anos de sua estadia, um importante relato descrevendo os costumes brasileiros, as cidades, as florestas, as frutas e a situação em que se encontrava a comunidade de muçulmanos. Hoje, cento e cinquenta anos após do desembarque do viajante árabe, observo uma comunidade islâmica heterogênea que aumenta anualmente com a chegada de novos imigrantes e refugiados provenientes do Oriente Médio, África e Ásia, assim como com o crescente número de conversões ao Islam por parte de brasileiros.

Abd Al-Rahman al-Baghdad (-1881): Traveller and Islamic sage. As a cleric, he sailed with the fleet of the Ottoman navy which, caught by a fierce storm, was forced off its original course, docking in Rio de Janeiro in 1866. On arriving on the Brazilian coast dressed in Islamic clothes, he caught the attention of Africans who approached him with the Islamic greeting *Assalam Alaikum*. This was much to the surprise of the Shaykh, who had not anticipated encountering Muslims in the New World. At their request, he decided to stay in the country in order to spread the religion. During his time he wrote *Deleite do estrangeiro em tudo o que é espantoso e maravilhoso* on his years in the country, an important account of Brazilian customs, the towns, forests, fruits and the situation in which the Muslim community found itself living. Today, one hundred and fifty years after the Arabian traveller disembarked, I observe a heterogenic Islamic community that increases annually with the arrival of new immigrants and refugees coming from the Middle East, Africa and Asia, as well as the growing number of conversions to Islam among Brazilians.

Ablução: Purificação ritual que precede as orações canônicas e cotidianas dos muçulmanos. Consiste na lavagem ordenada das mãos, boca, nariz, rosto, antebraço, orelha e pés. (p. 218)

Amadou Hampâté Bâ (1901-1991): Escritor e etnógrafo maliano. Nascido em uma família nobre da etnia fula, dedicou sua vida à coleta de narrativas, tornando-se um dos grandes mestres da transmissão oral e um especialista nos estudos das sociedades africanas da savana. A leitura de seu romance *Amkoullel, o menino fula*, obra autobiográfica em que narra lendas e mitos de sua etnia, contribuiu enormemente para o presente trabalho, uma vez que meu percurso, desde a primeira viagem à África, foi marcado por inúmeros encontros e uma convivência intensa com famílias e pessoas desse grupo étnico. (Ver Fulas)

Ano da hégira: Calendário lunar islâmico que tem início no ano de 579 d.C. com a imigração do profeta Muhammad ﷺ da cidade de Meca para a cidade de Medina. Portanto, no texto, 1423 H equivale aproximadamente ao ano de 2003, ocasião da imigração clandestina de Abdellah Samrani da África para Europa. (p. 12)

Arthur Rimbaud (1854-1891): Poeta francês. Apelidado de *enfant terrible* devido a sua índole rebelde, foi também um experiente viajante e comerciante. Viveu, entre outras cidades, em Harar, antiga cidade comercial muçulmana, hoje localizada em território etíope. As poucas informações de suas aventuras africanas, desde sua chegada ao porto de Alexandria em 1880 até os anos finais de sua vida em 1891, derivam em grande parte de sua correspondência familiar e relatos de amigos. Na biografia *Rimbaud na África*, de Charles Nicholl, entrevemos na longa viagem de um viajante anônimo não somente uma atitude evasiva, uma fuga, mas o desejo de penetrar um território ignoto e, sobretudo, uma existência desconhecida. De certo modo, a viagem à África, como advento pessoal da “reinvenção de si mesmo”, será recorrente na biografia de artistas e intelectuais franceses desde o final do século XIX até o período das grandes guerras. São exemplos disso Pierre Verger, Michel Leiris e Jean Rouch, para quem a vida africana representava alternativa a um descontentamento com os modelos culturais e espirituais da vida ocidental, assim como para a promessa de liberdade artística e identitária que só seria adquirida através do nomadismo. (p. 54)

Alvise Cadamosto (1432-1483): Explorador veneziano. Empreendeu uma série de viagens à África Ocidental a serviço do rei português Henrique Navegador. As notas e os relatos de suas viagens foram posteriormente reunidas pelo mesmo sob

Ablution: Purification ritual that precedes canonical and quotidian Islamic prayers. Involves the orderly washing of hands, mouth, nose, face, forearms, ears and feet. (p. 219)

Amadou Hampâté Bâ (1901-1991): Malian writer and ethnographer. Born into a noble family of Fula descent, he dedicated his life to collecting narratives, becoming one of the great masters of the oral tradition and a specialist in studies of African savannah societies. The reading of his book *Amkoullel, the Fula Child*, an autobiographical work in which he narrates legends and myths of his ethnic group, contributed enormously to the present work, given that my own journey, since the first visit to Africa, has been shaped by innumerable encounters and an intense interaction with families and people from this ethnic group. (See Fula)

Hijri year: Islamic lunar calendar which begins in the year 579 AD with the migration of the prophet Muhammad ﷺ from the city of Mecca to the city of Medina. In the text, therefore, 1423 H roughly corresponds to the year 2003 AD, the occasion of Abdellah Samrani's clandestine migration from Africa to Europe. (p. 13)

Arthur Rimbaud (1854-1891): French poet. Nicknamed the *enfant terrible* owing to his rebellious nature, he was also an experienced traveller and merchant. Among other places, he lived in Harar, an ancient Islamic trading city, today located in Ethiopia. The scant information available on his African adventures from his arrival in the port of Alexandria in 1880 to the final years of his life in 1891 largely derive from family correspondence and accounts by friends. In the biography *Somebody Else: Arthur Rimbaud in Africa 1880-91* by Charles Nicholl, we glimpse in the lengthy voyage of an anonymous traveller not only running away, in flight, but also someone filled with the desire to penetrate an overlooked land and, above all, an unknown existence. In a way, the voyage to Africa, as a personal experience of 'self-reinvention,' became a recurrent feature in the biographies of French artists and intellectuals from the end of the nineteenth century to the period of the great wars. Other examples include Pierre Verger, Michel Leiris and Jean Rouch, for whom African life represented an alternative to a discontentment with the cultural and spiritual models of western life, as well as the promise of artistic and identity freedom that could only be acquired through nomadism. (p. 55)

Alvise Cadamosto (1432-1483): Venetian explorer. Undertook a series of voyages to West Africa in the service of the Portuguese king Henry the Navigator. The notes and accounts of his travels were later compiled by himself under

o título de *Navigazioni* e proporcionou informações que seriam utilizadas por outras expedições, bem como por historiadores que buscam descrições sobre as sociedades africanas da costa do Senegâmbia. (p. 218)

Baba: Palavra do idioma fula, recorrente em outras línguas africanas, que significa literalmente “pai”. Título de respeito. (p. 192)

Baobab: Árvore de grande porte da família da *Adansonia*, encontrada em abundância em regiões africanas. São curiosas as descrições portentosas dessa árvore; em 1908-1909, um cartão postal de autoria de Edmond Fortier descreve-a podendo chegar a trinta metros de circunferência, enquanto em 1324, Shihab al-Din al-Umari, relata que abaixo de uma delas poderiam repousar quinhentos cavaleiros. (p. 154)

Bilad al- Soudan بلاد السودان: Do árabe, literalmente “País dos negros”. Durante a época clássica da literatura escrita em árabe pelos viajantes e geógrafos muçulmanos, denominava a vasta zona territorial abaixo do deserto do Saara. Compreende não somente as bacias do Senegal, do Níger e do Chade mas também os países mais meridionais da savana e da floresta. (p. 128)

Boubou: Roupa tradicional africana. Túnica confeccionada sob medida. (p. 154)

Cabeça de mouro: *Testa di moro*. Cerâmica popular siciliana de uso ornamental. O período dos emirados muçulmanos na Sicília (827-1092) deixou um vasto legado cultural, identificado no dialeto, nas fábulas, na arquitetura, no artesanato, na culinária e em muitos aspectos da vida cotidiana. Alguns documentos revelam como a influência dos muçulmanos continuou presente mesmo depois da reconquista cristã. Um dos casos é a do geógrafo Al-Idrisi (1099-1180), da corte normanda de Ruggero II (1095-1154), que descreveu e desenhou as longínquas regiões da Terra. Esses mapas, produzidos no século XII, serviriam de referência aos cartógrafos por trezentos anos. (p. 14)

Darijia: Dialeto, variante marroquina do árabe. O árabe coloquial abrange uma infinidade de dialetos com palavras e expressões que se diversificam geograficamente. Na Mauritânia, essa variante recebe o nome de hassânia. (p. 80)

David Livingstone (1813-1873): Explorador e médico missionário escocês. Viajou por longos anos pelas trilhas e rios da África Oriental e Central, a serviço do Império Colonial Britânico, ajudando a consolidar a influência do imperialismo britânico no continente. Como outros exploradores – Richard

the title *Navigazioni* and provided information that would be used by other expeditions, as well as by historians seeking out descriptions of African societies from the Senegambia coast. (p. 219)

Baba: Word from the Fula language, also common in other African languages, meaning literally ‘father.’ A title of respect. (p. 193)

Baobab: Large tree of the *Adansonia* family, found in abundance in African regions. The portentous descriptions of this tree are somewhat curious: in 1908-1909, a postcard written by Edmond Fortier described it as being able to grow to thirty metres in circumference, while in 1324 Shihab al-Din al-Umari wrote that five hundred horsemen could shelter under a single tree’s branches. (p. 155)

Bilad al-Sudan بلاد السودان: From the Arabic, literally ‘country of the blacks.’ During the classical period of the literature written in Arabic by Islamic travellers and geographers the term denominated the vast territorial zone south of the Saharan Desert. It covers not only the basins of Senegal, Niger and Chad, but also the more southern countries of savannah and forest. (p. 129)

Boubou: Traditional African clothing. A made-to-measure tunic. (p. 155)

Maure head: *Testa di moro*. Popular Sicilian ornamental pottery figure. The period of the Muslim emirates in Sicily (827-1092) left a vast cultural legacy, identifiable in the dialect, fables, architecture, craftwork, cooking and many aspects of everyday life. Some documents reveal how the influence of the Muslims remained present even after the Christian Reconquista. One such case was the geographer Al-Idrisi (1099-1180) from the Norman court of Roger II (1095-1154), who described and designed distant regions of the planet. These maps, produced in the twelfth century, served as a reference point for cartographers for three hundred years. (p. 15)

Darijia: A dialect, a Moroccan variant of Arabic. Colloquial Arabic covers an endless number of dialects with words and expressions that vary geographically. In Mauritania this variant is called Hassaniya. (p. 81)

David Livingstone (1813-1873): Scottish explorer and medical missionary. He travelled for many years along the trails and rivers of East and Central Africa in the service of the British Empire, helping consolidate the influence of British imperialism across the continent. Like other

Burton, John Hanning Speke e Henry Morton Stanley – procurou obstinadamente a nascente do rio Nilo. De 1852 a 1856, empreendeu uma longa caminhada atravessando o centro-sul da África ao longo do curso do rio Zambeze. É por isso considerado o primeiro súdito britânico a realizar a caminhada transafricana, tornando-se um símbolo da exploração colonial e do imaginário romântico do explorador europeu. Embora a indústria do turismo seja decisiva para as experiências de viagens contemporâneas, muitas vezes caracterizadas – com companhias aéreas, *resorts* e excursões safari – por um conforto lascivo e luxuoso, o imaginário romântico é notadamente reproduzido ou reinventado até os dias de hoje em curiosas manifestações culturais e turísticas. Ironicamente, aqueles que foram o símbolo da exploração colonial, os *leões* – como eram nominados pela *Royal Geographical Society* – seriam mais tarde emulados de forma medíocre. Por outro lado, as consequências do colonialismo iriam criar um novo protagonista viajante: os milhares de imigrantes e refugiados clandestinos, anônimos, que se dirigem às antigas metrópoles. São eles que, cruzando mares e desertos em condições precárias, involuntariamente, restauram a percepção da dimensão física do espaço e a experiência do viajante com o desconhecido.

Edmond Fortier (1862-1928): Fotógrafo e viajante francês. Chegou à África provavelmente no final do século XIX, sem jamais retornar à Europa. Estabeleceu-se em Dakar como fotógrafo, vivendo ali até seu falecimento. De 1900 a 1912 viajou incansavelmente por países como Senegal, Guiné, Mauritânia, Mali, Costa do Marfim, Benin e Nigeria, documentando as cidades históricas, a natureza e as transformações sociais durante a colonização deixando um legado iconográfico de 3.300 imagens.

El Hadji Oumar Tall: (1797-1864): Líder muçulmano ligado à tradição sufi da confraria *tijjane*. Segundo fontes histórias, depois de sua volta da peregrinação a Meca e de um período de estudo no Egito, proclama ter recebido por meio de visões místicas a ordem de levar a reforma ao Sudão Ocidental, cujo objetivo consistia em instaurar, por meio da revolução, a equidade e a justiça. (p. 132)

Fulas: Extenso grupo étnico africano também conhecido como *fulani*, *peul*, *fulbe*, que se encontra disperso em um grande número de países como Nigéria, Guiné, Mali, Senegal, Níger, Cameron, Chade e Sudão. No decorrer da pesquisa, eu verificaria, a remota presença dos fulas no Brasil. Escravizados durante o tráfico negreiro, são considerados como uma das

explorers – Richard Burton, John Hanning Speke and Henry Morton Stanley – he obstinately searched for the source of the River Nile. From 1852 to 1856 he undertook a long trek across the southern central Africa, following the course of the Zambezi River. Consequently he is considered the first British subject to have walked across Africa, becoming a symbol of colonial exploration and the Romantic imaginary of the European explorer. Although the tourism industry is central to the experiences of contemporary voyages, very often characterized – by airlines, *resorts* and safari excursions – by a lascivious and luxurious comfort, the Romantic imaginary is still clearly reproduced or reinvented even today in curious cultural and tourist manifestations. Ironically those who had symbolized of colonial exploration, the *lions* – as they were called by the Royal Geographical Society – would later be emulated in mediocre form. On the other hand, one of the consequences of colonialism would be the creation of a new kind of traveller: the thousands of immigrants and clandestine, anonymous refugees who head to the former metropolises. It is they who, traversing seas and deserts in precarious conditions, unwittingly restore the perception of the physical dimension of space and the experience of the traveller vis-à-vis the unknown.

Edmond Fortier (1862-1928): French photographer and traveller. Probably arrived in Africa at the end of the nineteenth century and never returned to Europe. He settled in Dakar as a photographer, living there until his death. From 1900 to 1912 he travelled tirelessly through countries like Senegal, Guinea, Mauritania, Mali, Ivory Coast, Benin and Nigeria, documenting historical cities, nature and the social transformations during colonization, leaving an iconographic legacy of 3300 images.

El Hadji Oumar Tall: (1797-1864): Muslim leader linked to the *Tijaniyyah* brotherhood of the Sufi tradition. According to historical sources, after his return from pilgrimage to Mecca and a period of study in Egypt, he claimed to have received mystic visions ordering him to reform Western Sudan, inaugurating equity and justice through revolution. (p. 133)

Fula: Extensive African ethnic group also known as *Fulani*, *Peul* or *Fulbe*, dispersed across a large number of countries, including Nigeria, Guinea, Mali, Senegal, Niger, Cameroon, Chad and Sudan. Over the course of the research I was able to identify the remote presence of the Fula in Brazil. Enslaved during the slave trade, they are considered one of the African

etnias africanas que introduzem o islamismo no Brasil e nas Américas . (p. 126) (Ver Amadou Hampâté Bâ)

Gaoussou Diawara (1940-): Escritor e intelectual maliano. Em seu livro *Abubakari II, Explorateur mandingue*, defende a hipótese, por meio de fontes escritas e orais, de que o sultão Abubakari II teria abdicado do trono imperial do Mali para logo em seguida lançar-se, em 1312, em uma aventura marítima em busca de descobrir os limites do Oceano Atlântico. Partindo das costas da África Ocidental pelo rio Gâmbia, ele teria chegado ao continente americano pelo norte do que hoje é o território brasileiro.

Garage Pompier: Também chamada *Gare Routière Pompier*, foi o principal e mais movimentado ponto de transporte terrestre regional senegalês, de onde se embarcava tanto para trajetos regionais quanto para outros países da África Ocidental. Em 2014, a administração desloca os transportes e as atividades comerciais que dele dependiam, como restaurantes, oficinas e vendedores ambulantes, para outra região da cidade. (p. 152)

Henri Matisse (1869-1954): Pintor francês. Em busca de observar e representar cenas e paisagens sob uma luz específica, Matisse visitou duas vezes o Marrocos em 1912 e 1913. Segundo Pierre Schneider, Matisse inicialmente interessou-se pela arte islâmica durante uma grande exposição dedicada ao tema realizada em Munique em 1910. Interesse que pode ter estimulado uma série de viagens, e que terá impresso em sua obra, principalmente depois de sua passagem pela África do norte, a influência de arabescos, padrões geométricos e combinações de cores presentes na arquitetura e em inúmeros suportes como nas tapeçarias, tecidos e cerâmicas. Notando que as viagens que eu vinha realizando se relacionavam com alguns aspectos da tradição da pintura fauvista, sobretudo no que diz respeito a viagem como parte do processo de criação, percebi que o contato com a plasticidade da luz e a observação das inusitadas combinações de cores presentes nos vestuários da África ocidental foram estímulos essenciais para a descoberta e o desenvolvimento da paleta de cores do trabalho.

Ibn Battuta (1304-1377): Viajante, geógrafo, e jurista de origem berbere nascido em Tanger, Marrocos. Famoso pelo livro que compila suas narrativas sobre diversas regiões do mundo, como Andaluzia, Mali, Egito, Iraque, Península Arábica, Índia e China. Suas errâncias são reunidas em forma de *rihla*, gênero literário, popular entre os muçulmanos medievais, que abrange gêneros científicos (geografia, história, etnografia), literários (crônicas de viagem) e religiosos, desempenhan-

ethnic groups to have introduced Islam into Brazil and the Americas. (p. 127) (See Amadou Hampâté Bâ)

Gaoussou Diawara (1940-): Malian writer and intellectual. In his book *Abubakari II, Explorateur mandingue*, he develops the hypothesis, based on written and oral sources, that Sultan Abubakari II had abdicated from the imperial throne of Mali in order to set off, in 1312, on a maritime adventure in search of the limits of the Atlantic Ocean. Sailing from the West African coast via the Gambia River, he reached the American continent, Diawara argues, in the north of what today is Brazilian territory.

Garage Pompier: Also known as *Gare Routière Pompier*, it was the main and busiest regional Senegalese land transport hub, the point of departure for both regional destinations and other West African countries. In 2014, the administration relocated the transport services and dependent commercial activities, such as restaurants, workshops and street traders, to another region of the city. (p.153)

Henri Matisse (1869-1954): French painter. Searching to observe and depict scenes and landscapes under a specific light, Matisse visited Morocco twice in 1912 and 1913. According to Pierre Schneider, Matisse got interested in Islamic art when he visited an Islamic art exhibition in Munich in 1910. This interest may have stimulated a series of trips which in turn would influence his work, especially after his North Africa wanderings. So he definitely seems to have been inspired by the arabesques, patterns, geometric designs and color combinations presented in the North African architecture, tapestries, ceramics and other decorative motives. Noticing the relations between the Fauve tradition and the trips I have been undertaking, I have realized that the contact with particular situations of light and the unusual cultural combinations of colors in West African clothing were essential for the discovery and development of my own color palette in this work.

Ibn Battuta (1304-1377): Traveller, geographer and jurist of Berber descent, born in Tangier, Morocco. Famous for the book collecting his narratives on diverse regions of the world, such as Andalusia, Mali, Egypt, Iraq, the Arabian Peninsula, India and China. His travels are compiled in the form of a *rihla*, a literary genre popular among Medieval Muslims, which encompasses scientific genres (geography, history, ethnography), literary genres (travel chronicles) and religious

do muitas vezes a função de guias físicos e espirituais para peregrinos a caminho das cidades santas de Meca, Medina e outros lugares sagrados do Islam. (p. 32)

Ibn Rushd (1126-1198): Mais conhecido no ocidente sob o nome de Averróis. Físico, filósofo, matemático e teólogo nascido em Córdoba, Espanha. Juntamente com Avicena (c.980-1037), figura como um dos grandes comentadores da filosofia grega. O pensamento de Aristóteles especialmente, será acessado na Europa, a partir do século XIII, por meio de suas obras. (p. 74)

Império almorávida: Série de dinastias que se originou na foz do rio Senegal no século XI, cujos exércitos contavam com populações de tribos berberes. Após conquistarem parte do Maghreb e da península Ibérica, o império restaurara a ortodoxia religiosa em todo Ocidente muçulmano. (p. 74)

In cha Allah **إن شاء الله**: Expressão do árabe traduzida em português por “Oxalá”. Literalmente, “Se Deus quiser”. Segundo Arthur Ramos, a palavra teria sido incorporada ao vocabulário brasileiro com a chegada dos africanos muçulmanos escravizados durante o período colonial. Por outro lado, a ocorrência da palavra na língua portuguesa é bem anterior, possivelmente com os séculos de reinados muçulmanos na península Ibérica. (p. 128)

Jakarta: Palavra incorporada ao idioma wolof contemporâneo, jargão para motocicleta fabricada na Indonésia e exportada ao Senegal, utilizada correntemente como moto-taxi. (p. 176)

Jean Rouch (1917-2007): Antropólogo e cineasta francês que viveu radicado no Níger. Chega ao continente africano pela primeira vez aos 36 anos como engenheiro colonial recém formado, e se torna, além de etnólogo, um cineasta renomado, um dos ideólogos do movimento *Cinéma vérité* e um dos precursores da Antropologia visual. Utilizando a câmera de forma intuitiva, por vezes como um bloco de notas, propõe uma forma de cinema de baixo custo. Realiza numerosos filmes, como *Bataille sur le grand fleuve* (1951), *Moi, un noir* (1958) e *La pyramide humaine* (1961).

Jihad **جهاد**: Do árabe, referente à derivação do substantivo “esforço” **جَاهَد** e do verbo “esforçar” **يُجَاهِدُ**. Diferentemente da conotação bélica, que alguns meios de comunicação tem dado à palavra, refere-se mais a ações enérgicas do corpo ou do espírito, assim como é exemplificada pela expressão *Jihad an-Nafs*, “esforço do espírito”. (p. 132)

genres, very often performing the role of physical and spiritual guides for pilgrims on the way to the holy cities of Mecca, Medina and other sacred places of Islam. (p. 33)

Ibn Rushd (1126-1198): Better known in the west under the name of Averroes. Physicist, philosopher, mathematician and theologian born in Córdoba, Spain. Along with Avicena (c.980-1037), figures as one of the great commentators on Greek philosophy. The thought of Aristotle, in particular, would be accessed in Europe from the thirteenth century onward through his work. (p. 75)

Almoravid empire: A series of dynasties that originated at the mouth of the Senegal River in the eleventh century, whose armies drew from populations of Berber tribes. After conquering part of the Maghreb and the Iberian Peninsula, the empire restored religious orthodoxy across all of the Islamic West. (p. 75)

Inshallah **إن شاء الله**: An Arabic expression translating into English as ‘God willing’. According to Arthur Ramos, the word was incorporated into the Brazilian vocabulary as ‘Oxalá’ with the arrival of Muslim Africans enslaved during the colonial period. On the other hand, occurrence of the word in the Portuguese language dates from much earlier, possibly from the centuries of the Islamic kingdoms in the Iberian Peninsula. (p. 129)

Jakarta: Word incorporated into the contemporary Wolof language, a local term for a motorbike fabricated in Indonesia and exported to Senegal, typically used to provide a taxi service. (p. 177)

Jean Rouch (1917-2007): French anthropologist and filmmaker who settled in Niger. He visited the African continent for the first time at the age of 36 as a recently-trained colonial engineer and became, as well as an ethnologist, a renowned film director, one of the ideologues of the *Cinéma vérité* movement and one of the precursors of visual anthropology. Utilizing the camera intuitively, sometimes like a notepad, he proposed a low-cost form of cinema. He made numerous films, including *Bataille sur le grand fleuve* (1951), *Moi, un noir* (1958) and *La pyramide humaine* (1961).

Jihad **جهاد**: From the Arabic, derived from the noun ‘effort’ **جَاهَد** and the verb ‘to strive’ **يُجَاهِدُ**. Unlike the bellical connotation that some media channels have attributed to the word, it refers more to energetic actions of the body or spirit, as exemplified by the expression *Jihad an-Nafs*, ‘striving of the spirit.’ (p. 133)

Joakim Eskildsen (1971-): Fotógrafo dinamarquês. Autor de vários livros e ensaios fotográficos, entre eles, *The Roma Journeys*, em que apresenta fotografias de comunidades ciganas de sete países (Hungria, Índia, Grécia, Romênia, França, Rússia e Finlândia). Além de identificar-me com sua experiência como fotógrafo viajante, suas fotografias levaram-me a pensar sobre o universo da cor. O tratamento de suas imagens com o intuito de valorizar a cor como elemento semântico da edição sequencial foram pontos cardeais na busca de uma palheta cromática que pudesse traduzir expressivamente o meu encontro com regiões e países onde a luz e a cor se combinam e se entendem de maneira específica.

João José Reis (1952-): Historiador e renomado pesquisador da escravidão no século XIX, autor do livro *Rebelião escrava no Brasil: a história do Levante dos Malês*, obra em que reconstrói minuciosamente, por meio dos registros policiais e notas da imprensa, os meandros daquela que viria a ser, em 1935, a última insurreição muçulmana na Bahia. Embora seja um livro de referência internacional, a história da resistência dos muçulmanos africanos no Brasil é bastante restrita nos meios acadêmicos nacionais. Atualmente, a minoria muçulmana brasileira, principalmente composta de afrodescendentes, tem feito grande esforço para seu reconhecimento.

Joseph Conrad (1857-1924): Escritor britânico de origem polonesa. Escreveu numerosos livros utilizando a experiência adquirida na marinha mercante, onde trabalhou diversos anos. Em 1889, viaja ao Congo a serviço de uma companhia colonial belga, viagem que lhe servirá de inspiração para o romance *Coração das Trevas*, livro que confirmará sua carreira como escritor. Como argumenta Owen Knowles, no prefácio da edição que vem acompanhada do diário de bordo do escritor, intitulado “The Congo Diary”, o episódio da viagem africana significará para Conrad uma mudança decisiva em seu caráter, pois o testemunho da mais cruel realidade do colonialismo contribuirá definitivamente na transformação da vida de marinheiro para a de escritor. Nesta mesma década, do outro lado da África, desembarcava Rimbaud. Do ponto de vista biográfico, podemos traçar um paralelo entre os dois aventureiros, pois ambos parecem ter compartilhado ideias de ruptura com a mentalidade europeia e atração pelo desconhecido. Conrad assume certo “fascínio pelo vazios dos mapas” e, entre outras coincidências cronológicas, ambos partem do porto de Marselha. Porém, além da distância continental que os separava – Conrad na África equatorial de selvas escuras e nebulosas, Rimbaud na África oriental de desertos ofuscantes – os anos africanos serão para Conrad

Joakim Eskildsen (1971-): Danish photograph. Author of various books and photographic essays, among them *The Roma Journeys* in which he presents photographs of Roma communities in seven countries (Hungary, India, Greece, Romania, France, Russia and Finland). As well as identifying with his experience as a travel photographer, his photos led me to think about the universe of colour. The treatment of his images with the aim of valuing colour as a semantic element in the edited sequence were cardinal points in my search for a chromatic palette that could expressively translate my encounter with regions and countries where light and colour combine and interact in very specific ways.

João José Reis (1952-): Historian and renowned researcher of nineteenth-century slavery, author of the book *Rebelião escrava no Brasil: a história do Levante dos Malês*, a work in which he reconstructs in minute detail, using police records and press reports, the twists and turns of what would prove to be, in 1935, the last Muslim uprising in Bahia. Although a book widely known internationally, the history of the resistance of African Muslims in Brazil is fairly limited in national academic circles. Today the Muslim minority in Brazil, mostly made up of Afro-descendants, is working hard for its recognition.

Joseph Conrad (1857-1924): British writer of Polish descent. Wrote numerous books based on his experience working in the merchant navy for many years. In 1889 he travelled to the Congo in the hire of a Belgian trading company, a journey that served as inspiration for his novel *The Heart of Darkness*, a book that confirmed his career as a writer. As Owen Knowles argues in the forward to the edition that includes the writer's diary of the steamer journey, entitled ‘The Congo Diary,’ for Conrad the episode of the African voyage signified a decisive change in his character, since witnessing the cruel reality of colonialism would contribute definitively to the transformation from the life of a mariner to that of a writer. During this same decade, on the other side of Africa, Rimbaud disembarked. From the biographic point of view, we can draw a parallel between the two adventurers since both seem to have shared ideas of breaking away from the European mindset, attracted by the unknown. Conrad declares a certain ‘fascination for the blank spaces on maps’ and, among other chronological coincidences, both set out from the port of Marseille. However, aside from the continental distance separating them both – Conrad in the equatorial Africa of dark and misty jungles, Rimbaud in the East Africa of sunblazed deserts – the African years for Conrad would be the embryo that would hatch his poetic force, while

o embrião que eclodirá sua força poética enquanto para Rimbaud, o vazio, o silêncio, e por fim, o desfecho da morte. (p. 216)

Khashkhash ibn Saeed ibn Aswad (c. século IX): Explorador e navegador andaluz. Sua história foi contada no ano de 956 pelo geógrafo e historiador árabe al-Mas’udi (896-956), descrevendo-o como um jovem aventureiro de Córdoba que reúne um grupo de marinheiros e viaja rumo a descobrir a extensão do Oceano Atlântico. Após um longo período sem que se saiba de seu destino, retorna trazendo tesouros fabulosos. Atualmente, a partir de evidências historiográficas – mapas antigos e topônimos americanos, supostamente de origem árabe –, estudiosos têm sustentado a hipótese do contato entre os muçulmanos andaluzes e africanos e as civilizações americanas pré-colombianas.

***Maghreb* مغرب**: Do árabe, refere-se a “poente”. Nome que designa atualmente o Marrocos devido a sua posição geográfica, mas que abrangia em outras épocas também outros territórios do norte da África. Tradições islâmicas relatam que, durante a expansão do Islam em direção ao extremo oeste do continente, o emir Uqba ibn Nafi, chegando então aos limites do mundo conhecido, lança-se a cavalo contra o Oceano Atlântico e exaltando o Altíssimo clama que, se não fosse o obstáculo do mar, teria continuado até os confins da Terra levando a mensagem da Unicidade de Deus. (p. 52)

***Mahata* محطة**: Do árabe, referente a estações de transporte coletivo como trem e ônibus. (p. 126)

***Maison des esclaves*:** Do francês, literalmente “Casa de escravos”. Situada na Ilha de Goré, no litoral da península de Dakar, serviu, entre os séculos XV e XIX, como entreposto de venda e embarque de escravos para as Américas. Em 1962, foi transformado em memorial e museu, recebendo desde então anualmente, um grande número de visitantes. (p. 150)

Marco Polo (1254-1324): Mercador e viajante veneziano. Torna-se famoso pelo relato de viagem em que narra sua jornada para China, passando pelos países da rota da seda. Segundo especialistas, o manuscrito original do relato, tinha pouco a ver com o modo com que ele é atualmente apresenta-do aos leitores. A narrativa organizada de modo não linear, selecionava os lugares de maneira aparentemente aleatória, mais como uma carta de marear, onde textos, rosa dos ventos e topônimos se dispunham de maneira que a leitura pudesse

for Rimbaud, emptiness, silence and finally the closure of death. (p. 217)

Khashkhash ibn Saeed ibn Aswad (c. ninth century): Andalusian explorer and navigator. His story was told in 956 AD by the Arabian geographer and historian al-Mas’udi (896-956), describing him as a young adventurer from Córdoba who assembled a group of sailors and set sail to discover the extent of the Atlantic Ocean. After a long period with no news of his fate, he returned bringing fabulous treasures. Today, based on historiographic evidence – ancient maps and American toponyms, supposedly of Arab origin – scholars have been exploring the hypothesis of contact between the Andalusian and African Muslims and pre-Colombian American civilizations.

***Maghreb* مغرب**: From the Arabic for ‘sunset.’ Name that today designates Morocco due to its westerly geographic position, but which covered other territories of North Africa during earlier periods. Islamic traditions relate that during the expansion of Islam towards the far west of the continent, the emir Uqba ibn Nafi, reaching the limits of what was then the known world, launched himself the Atlantic Ocean on horseback and exalting the Most High proclaimed that, were it not for the obstacle of the sea, he would have continued to the ends of the Earth taking the message of God’s Oneness. (p. 53)

***Mahata* محطة**: From the Arabic referring to stations for collective transportation like trains and buses. (p. 127)

***Maison des esclaves*:** From the French, literally ‘house of slaves.’ Situated on Gorée Island off the coast of the Dakar Peninsula, it served between the fifteenth and nineteenth centuries as a trading post for selling and shipping slaves to the Americas. In 1962 it was transformed into a memorial and museum, and has received a large number of visitors every year since. (p. 151)

Marco Polo (1254-1324): Venetian merchant and traveller. Became famous for his travel account in which he tells of his journey to China, passing through countries along the Silk Route. According to specialists, the original manuscript of the account had little in common with the way that is presented to readers today. Organised in a non-linear fashion, the narrative mentioned places apparently at random, more like a sea chart, where texts, wind roses and toponyms are arranged in a way that allows the reader to take various directions. Imag-

tomar vários sentidos. Imaginar as possibilidades visuais e literárias desses manuscrito influenciou-me na edição do presente livro. (p. 32)

Maxime Du Camp (1822-1894): Escritor e fotógrafo francês. Considerado um dos pioneiros da fotografia de viagem. Serviu como voluntário no exército de Garibaldi durante na guerra de conquista das Duas Sicílias. Suas principais obras seriam fotografadas na África do Norte e no Oriente Médio em 1844-1845 (*Souvenirs et paysages d’Orient*) e 1849-1851 (*Egypte, Nubie, Palestine, Syrie*), esta última em companhia do escritor Gustave Flaubert. Os inícios da fotografia, com seus equipamentos pesados e com a necessidade de emulsionar as placas imediatamente antes do disparo, condicionava a imagem fotográfica ao retrato de estúdio. Contudo, gradualmente as soluções químicas e técnicas liberaram a visão dos fotógrafos para o deslocamento. Nessa mesma época, os interesses coloniais pareciam também impulsionar o financiamento de expedições fotográficas. Du Camp, assim como Gustave Le Gray, Antonio Beato, Francis Frith, entre outros pioneiros que fotografaram o Egito, corrobora a imagem romântica do fotógrafo viajante do século XIX. Embora seguindo alguns itinerários percorridos por esses fotógrafos, procurei produzir imagens de um contraponto ao “romântico”, como uma forma de questionar a imagem idílica que ocultava em si as aspirações colonialistas das potências europeias.

Michel Leiris (1901-1990): Poeta e etnógrafo francês. Inicialmente ligado ao grupo surrealista, junta-se em 1931 à expedição etnográfica *Dakar-Djibouti*, trabalhando como secretário arquivista. A experiência lhe rende, em 1934, um de seus principais livros: *A África Fantasma*. Combinando estudo etnográfico e autobiografia, a obra gerou, desde sua publicação, controvérsia no meio intelectual e acadêmico, enquanto revelava a ambígua cumplicidade à época entre o colonialismo e a atividade etnográfica. (p. 54)

Muazin مؤذن: Do árabe, referente ao “chamador da oração”. Tradicionalmente, é a pessoa incumbida de pronunciar o Azan (chamado da oração) em voz ressonante, anunciando a chegada do tempo prescrito. Sua prática, instituída desde os primórdios do Islam, evidencia a presença e a contribuição africana para religião, que teve como o primeiro e o mais memorável *muazins* de todos os tempos Bilal al-Habashi ة, um dos companheiros abissínios (etíopes) do profeta Muhammad ﷺ (p. 74)

ining the visual and literary possibilities of this manuscript influenced me in the editing of the present book. (p. 33)

Maxime Du Camp (1822-1894): French writer and photographer. Considered one of the pioneers of travel photography. Served as a volunteer in Garibaldi’s army during the war of conquest of the Two Sicilies. His main photographic work was undertaken in North Africa and the Middle East in 1844-1845 (*Souvenirs et paysages d’Orient*) and 1849-1851 (*Egypte, Nubie, Palestine, Syrie*), the latter in the company of the writer Gustave Flaubert. The early years of photography, constrained by its heavy equipment and the need to emulsion the plates immediately prior to taking the photograph, limited the image to the studio portrait. Gradually, however, the chemical solutions and techniques liberated the vision of photographers, enabling them to move around. During this same period colonial interests also seem to have stimulated interest in funding photographic expeditions. Du Camp, along with the likes of Gustave Le Gray, Antonio Beato, Francis Frith and other pioneers who photographed Egypt, corroborated the Romantic image of the nineteenth-century travel photographer. Though I followed some of the routes taken by these photographers, I looked to produce images from a counterpoint to the ‘Romantic’ as a form of questioning the idyllic image concealing the colonialist aspirations of the European powers.

Michel Leiris (1901-1990): French poet and ethnographer. Initially linked to the surrealist group, in 1931 he joined the *Dakar-Djibouti* ethnographic expedition, working as secretary-archivist. The experience resulted, in 1934, in one of his most important books, *L’Afrique fantôme*. Combining ethnographic study and autobiography, the work has generated controversy in the intellectual and academic world ever since its publication for revealing the ambiguous complicity at the time between colonialism and ethnographic work. (p. 55)

Muezzin مؤذن: From the Arabic, referring to the ‘caller to prayer.’ Traditionally this is the person appointed to recite the Azan (call to prayer) in a resonant voice, announcing the arrival of the prescribed time. His practice, instituted since the very beginning of Islam, makes evident the African presence and contribution to the religion, the first and most noteworthy *muezzin* of all time being Bilal al-Habashi ة, one of the Abyssinian (Ethiopian) companions of the prophet Muhammad ﷺ (p. 75)

Mussa ﷺ: *Mussa bin Imran bin Qahath bin Azar bin Levy bin Yaqub bin Ishaq bin Ibrahim*. É como é chamado o profeta Moisés no Alcorão. Entre os profetas mencionados no Livro Sagrado, Moisés é aquele mais nominado, sendo citado 136 vezes e tendo sua história contada em diversos versículos e capítulos. Entre outros eventos, conta-se a longa viagem do profeta em busca do sábio Al-Khidr. Embora Moisés fosse um profeta e tivesse recebido a revelação do Livro, percorre uma longa estrada plena de adversidades em busca do saber. Sua exortação para a viagem em busca do conhecimento é um dos mais belos exemplos na tradição islâmica, além de constituir um componente central em sua mensagem. (p. 110)

Nilo: Considerado desde os tempos remotos como o mais longo rio do globo terrestre, o Nilo sempre gerou um fascínio especial para diferentes povos. Heródoto, o “pai da história”, navega por seu leito em busca de descobrir sua nascente, mas fracassa em alcançar seu objetivo. Ptolomeu, influenciado por lendas africanas, supõe que o rio se originava em montanhas de picos nevados ao longo da linha do equador chamando-as “Montanhas da Lua”. Sua nascente parecia tão intransponível que, por muitos séculos, acreditou-se que o Nilo conectava-se com o rio Níger e desaguasse no Oceano Atlântico, formando assim uma espécie de aqueduto monumental entre os dois extremos da África. No século XIX, exploradores ocidentais estiveram próximos de encontrar sua nascente através de inúmeras expedições em torno dos lagos Tanganica e Vitória. Porém, o mistério da localização de suas nascentes seria realmente decifrado um século depois, quando uma fotografia de satélite iria mostrar que o Nilo brota nas montanhas do Burundi. Considerado por sábios muçulmanos como um dos rios do Paraíso, a tradição relata que o profeta Muhammad ﷺ, guiado pelo anjo Gabriel na *viagem noturna*, vislumbra e descreve o Paraíso pela abundância de quatro rios, dos quais dois visíveis, o Nilo e o Eufrates, e dois invisíveis. (p. 194)

Nina Rodrigues (1862-1906): Médico legista, psiquiatra e antropólogo. Considerado um dos pioneiros da Antropologia e dos Estudos Africanos no Brasil. Apesar de seu viés teórico evolucionista, preocupou-se em estudar os aspectos sociais das populações de africanas que foram escravizadas no Brasil. Escreve livros importantes como *Os Africanos no Brasil* que viria a ser uma referência importante para outros intelectuais e pesquisadores como Arthur Ramos, Pierre Verger e Roger Bastide. Dedicar nesta obra, um importante capítulo documentando os assim chamados “negros maometanos”, ou seja, aos africanos muçulmanos que foram protagonistas de insurreições e revoltas contra o regime escravista, causando grandes repercussões sociais e históricas. Hoje, cerca de cem

Musa ﷺ: *Musa bin Imran bin Qahath bin Azar bin Levy bin Yaqub bin Ishaq bin Ibrahim*. This is the name given to the prophet Moses in the Quran. Among the prophets mentioned in the Holy Book, Moses is the most often named, cited 136 times, and his story is told in numerous verses and chapters. Among other events we learn of the prophet’s long voyage in search of the sage Al-Khidr. Though Moses was a prophet and had received the revelation of the Book, he travels a long road filled with adversities in search of knowledge. His exhortation to journey in search of knowledge is one of the most beautiful examples in the Islamic tradition, as well as constituting a core element of his message. (p. 111)

Nile: Considered since the remotest times to be the longest river on Earth, the Nile has always generated a special fascination for different peoples. Herodotus, the ‘father of history,’ sailed its course in search of its source, but failed to achieve his objective. Ptolemy, influenced by African legends, presumed that the river originated in snowy mountain peaks along the line of the equator, calling them the ‘Moon Mountains.’ Its source seemed to be so impenetrable that for many centuries it was believed that the Nile connected with the Niger and flowed into the Atlantic Ocean, thus forming a kind of monumental aqueduct between the two extremes of Africa. In the nineteenth century western explorers were close to encountering its source through numerous expeditions to the areas around the Tanganyika and Victoria Lakes. However the mystery of its source’s location would actually be deciphered a century later when a satellite photograph showed that the Nile rises in the mountains of Burundi. Considered by Islamic scholars to be one of the rivers of Paradise, tradition relates that the prophet Muhammad ﷺ, guided by the angel Gabriel on the *Night Journey*, glimpsed and described Paradise with its abundance of four rivers, two of them visible, the Nile and the Euphrates, and two invisible. (p. 195)

Nina Rodrigues (1862-1906): Medical examiner, psychiatrist and anthropologist. Recognised as one of the pioneers of anthropology and African studies in Brazil. Despite his evolutionist theoretical approach, he was concerned with studying the social aspects of the populations of Africans who had been enslaved in Brazil. He wrote important books like *Os Africanos no Brasil*, which became an important reference point for other intellectuals and researchers like Arthur Ramos, Pierre Verger and Roger Bastide. In this work he devotes a key chapter to documenting the so-called ‘Mohammedan blacks,’ or in other words the African Muslims who were the protagonists of uprisings and revolts against the slave regime, causing major social and historical impacts. Today, around a century

anos após suas pesquisas, em um momento de intenso fluxo imigratório do continente africano para o Brasil, observamos mais uma vez a notável representação dos africanos muçulmanos em inúmeras comunidades e espaços religiosos aqui fotografados.

Pierre Fatumbi Verger (1902-1996): Fotógrafo e etnógrafo francês. Dedicou-se ao estudo e à documentação da diáspora africana no Brasil. Foi também um divulgador e defensor das religiões de matrizes africanas contribuindo para a criação do Museu Afro-brasileiro em Salvador, Bahia. No início de minha pesquisa, estive direcionado a produzir – inspirado em suas fotografias que mostram as correspondências entre os dois lados do Atlântico – uma ponte entre os dois continentes, mas que representasse a diáspora africana muçulmana, uma vez que esta me parecia haver sido marginalizada pelos discursos hegemônicos da cultura afro-brasileira. Contudo, no decorrer do processo, notei que a correspondência nunca é literal, como propunha Verger. Considerei um erro conceitual seguir um modelo de cultura que se decalca de outra, em condições históricas e contextos sociais tão distintos. Assim, pensei que as imagens pudessem, ao contrário, se relacionar livremente.

Robert Frank (1924-): Fotógrafo e cineasta suíço. Imigra para os Estados Unidos em 1947 e torna-se um dos fotógrafos mais influentes do século XX, sobretudo depois da publicação em 1958 do livro *The Americans*, com prefácio de Jack Kerouac. O livro, realizado ao longo de dois anos e por viagens a um grande número de estados do país, é composto de oitenta e três fotografias e, desde sua publicação, figura como uma espécie de guia para a fotografia autoral, principalmente no que se refere à edição de imagens e à articulação de símbolos e metáforas visuais. O modo de editar de Frank, ou melhor, sua “*regra de não haver regra*”, indicou-me caminhos em busca de uma maior liberdade na sequencialização de imagens de diferentes gêneros fotográficos. Dissolver o formalismo dos gêneros, através do trânsito por suas fronteiras, permitiu-me por exemplo editar fotografias de retrato, paisagem, natureza-morta ou cenas de rua em uma mesma sequência, com o princípio de descobrir uma subjetividade, particularmente ligada à experiência da viagem, nesse momento posterior, de reconstrução e reinvenção na perspectiva do livro.

Sahel: Savana. Região climática africana caracterizada pelo clima seco e árido e pela vegetação predominantemente de arbustos. (p. 128)

Scirocco: Do italiano, referente à denominação do vento sul. Vento meridional recorrente durante o verão mediterrâneo e

after his research, during a period of intense migration from the African continent to Brazil, we can once again observe a notable presence of African Muslims in numerous religious communities and spaces photographed here.

Pierre Fatumbi Verger (1902-1996): French photographer and ethnographer. He dedicated his work to studying and documenting the African diaspora in Brazil. He was also a disseminator and champion of African-based religions, helping set up the Afro-Brazilian Museum in Salvador, Bahia. At the start of my research I was aiming to produce – inspired by his photos showing the correspondences between the two side of the Atlantic – a bridge between the two continents, but one representing the Muslim African diaspore, since this appeared to me to have been marginalized by the dominant discourses of Afro-Brazilian culture. However, as the research unfolded I noted that the correspondence is never literal, as Verger proposed. I concluded that it would be a conceptual error to follow a model of culture taken from another in such distinct historical conditions and social contexts. Hence I thought that the images could, instead, relate to each other freely.

Robert Frank (1924-): Swiss photographer and filmmaker. Emigrated to the United States in 1947 and became one of the most influential photographers of the twentieth century, especially after the publication in 1958 of the book *The Americans*, with a foreword by Jack Kerouac. The book, which took two years and numerous journeys to a large number of the country's states, is composed of eighty-three photos and since its publication has figures as a kind of guide to authorial photography, especially in relation to editing images and the use of symbols and visual metaphors. Frank’s editing method, or rather his ‘*rule that there are no rules*,’ showed me paths to take in search of greater freedom in terms of sequencing images from different photographic genres. Dissolving the formalism of genres by shifting across their boundaries allowed me, for example, to edit portraits, landscapes, still lives or street scenes in the same sequence, guided by the principle of discovering a subjectivity, particularly one linked to the experience of the journey, in this later moment of reconstructing and reinventing the book’s perspective.

Sahel: Savannah. African climatic region characterized by a dry and arid climate and by predominantly bush vegetation. (p. 129)

Sirocco: From the Italian, referring to the southern wind. A wind blowing regularly from the south during the Mediterra-

caracterizado pela alta temperatura e força, podendo chegar à velocidade de 100 km/h. (p. 8)

Sept-places: Do francês, literalmente “sete lugares”. Taxi de sete lugares, transporte coletivo comum na África Ocidental. (p. 126)

Seydou Keita (1921-2001): Fotógrafo maliano. Considerado um dos pais da fotografia africana, abriu seu estúdio fotográfico em 1948 em Bamako e até 1962 dedicou-se ao retrato fotográfico, através do qual criou um panorama da sociedade maliana em sua diversidade de indivíduos e classes sociais. Sua obra representa a transição cultural do período colonial para processo de independência. Turbantes e roupas tradicionais aparecem junto a rádios, carros e outros símbolos da modernidade refletindo, segundo alguns críticos, o olhar pós-colonial.

Shihab al-Din al-Umari (1300-1349): Historiador de origem síria que viveu no Egito durante os reinados mamelucos. Escreveu a obra enciclopédica *Masalik al-Absar* onde, entre outros temas, descreve o encontro amistoso com Mansa Mussa, então Sultão do Império do Mali, em seu percurso de peregrinação à Meca.

Taqia **طاقية**: Do árabe, acessório usado sobre a cabeça semelhante a uma touca ou gorro. (p. 174)

Thiébou djeun: Palavra do idioma wolof, literalmente “arroz e peixe”. Prato típico senegalês. (p. 134)

Tradição profética حديث (hadith): São as narrações e os ditos do profeta Muhammad ﷺ, memorizados por seus companheiros e, posteriormente, coletados e compilados pelos sábios. A citação na narrativa é um fragmento de uma tradição profética que se encontra em coletâneas de Muslim, Abou Daawood, at-Tirmidhee, Ibn Maajah, ad-Daaramee e no Musnad de Imaam Ahmad: (p. 32)

من سلك طريقا يلتمس فيه علما سهل الله له به طريقا إلى الجنة

“Àquele que empreende um caminho em busca do conhecimento, Allah facilita para ele o caminho para o Paraíso.”

Uguiya: Nome da moeda na Mauritânia. (p. 106)

Zaghruutá زغرودة: Do árabe, referente ao som estridente produzido pela vibração da língua, particularmente pelas mulheres do Norte da África, em ocasiões de celebrações e casamentos. (p. 50)

nean summer and characterized by a high temperature and wind strength, sometimes reaching 100 kmh. (p. 9)

Sept-places: From the French, literally ‘seven places.’ A taxi with seven seats, a common form of collective transport in West Africa. (p. 127)

Seydou Keita (1921-2001): Malian photographer. Considered one of the fathers of African photography, he opened his photographic studio in 1948 in Bamako and dedicated himself to photographic portraiture until 1962, through which he created a panorama of Malian society in all its diversity of individuals and social classes. His work depicts the cultural transition from the colonial period to the process of independence. Turbans and traditional clothing appear alongside radios, cars and other symbols of modernity, reflecting, according to some critics, the postcolonial gaze.

Shihab al-Din al-Umari (1300-1349): Historian of Syrian origin who lived in Egypt during the Mamluk Sultanates. He wrote the encyclopaedic work *Masalik al-Absar* where, among other topics, he describes the friendly encounter with Mansa Mussa, then Sultan of the Malian Empire, on his pilgrimage to Mecca.

Taqiyah **طاقية**: From the Arabic, accessory used on the head, similar to a skullcap or bonnet. (p. 175)

Thiébou djeun: Word from the Wolof language, literally ‘rice and fish.’ Typical Senegalese dish. (p. 135)

Prophetic tradition حديث (hadith): The tales and sayings of the prophet Muhammad ﷺ, memorized by his companions and later collected and compiled by scholars. The citation in the narrative is a fragment of a prophetic tradition found in Muslim collections, Abou Daawood, at-Tirmidhee, Ibn Maajah, ad-Daaramee and in the Musnad of Imam Ahmad: (p. 33)

من سلك طريقا يلتمس فيه علما سهل الله له به طريقا إلى الجنة

“Whoever sets out on a path to seek knowledge therein, Allah will make a path easy for him in paradise.”

Ouguiya: Name of the currency used in Mauritania. (p. 107)

Zaghruutá زغرودة: From the Arabic, refers to the strident sound produced by vibrating the tongue, particularly by women from North Africa, on the occasion of celebrations and marriages. (p. 51)

Outubro de 2010 desembarco no Marrocos chegando pela primeira vez no continente africano em companhia do amigo Abdellah Samrani.

Dezembro de 2010 viajo em direção ao sul do Marrocos atravessando o deserto do Saara e entrando na Mauritânia.

Dezembro de 2010 navegando pelo rio Senegal cruza a fronteira da Mauritânia com o Senegal.

Janeiro de 2011 viajo para o interior do Senegal instalando-me na região de Kaolack.

Março de 2011 retorno ao Brasil e começo pesquisar a história dos africanos muçulmanos escravizados no Brasil durante o tráfico Atlântico.

Dezembro de 2011 viajo juntando-me à caravana de peregrinos em direção às cidades santas de Meca e Medina na Península Arábica.

Abril de 2012 retorno ao Brasil e ingresso como aluno especial na disciplina “Discursos do ensaio fotográfico” coordenada pelo professor João Luiz Musa.

Dezembro de 2012 viajo novamente ao Senegal em busca de fotografar algumas das nações africanas que introduziram o Islam no Brasil.

Fevereiro de 2013 ingresso no doutorado em Poéticas Visuais, sob a orientação do professor João Luiz Musa.

Abril de 2013 curso a disciplina de “Estética: figurações ocidentais e orientais” do professor León Kossovitch.

Julho de 2013 viajo para a Turquia, desembarcando em Istambul e seguindo viagem para Konya, onde visito a confraria dos dervixes giratórios.

October 2010 arrival in Morocco, arriving on the African continent for the first time in the company of my friend Abdellah Samrani.

December 2010 I travel to the south of Morocco, crossing the Saharan Desert and entering Mauritania.

December 2010 journeying on the Senegal River I cross the border of Mauritania with Senegal.

January 2011 I travel to inland Senegal, staying in the Kaolack region.

March 2011 return to Brazil and begin to research the history of Muslim Africans enslaved in Brazil during the Atlantic slave trade.

December 2011 I join the caravan of pilgrims travelling to the holy cities of Mecca and Medina in the Arabian Peninsula.

April 2012 I return to Brazil and as a special student join the course ‘Discourses of the photographic essay’ coordinated by Professor João Luiz Musa.

December 2012 I travel to Senegal once again looking to photograph some of the African nations that introduced Islam into Brazil.

February 2013 I enrol on a doctoral course in Visual Poetics under the supervision of Professor João Luiz Musa.

April 2013 take the course ‘Aesthetics: western and eastern figurations’ given by Professor León Kossovitch.

July 2013 I travel to Turkey, landing in Istanbul and travel on to Konya, where I visit the brotherhood of whirling dervishes.

Agosto de 2013 retorno ao Brasile em busca de me aprofundar sobre a herança da diáspora africana curso a disciplina “Do afro ao brasileiro: religião e cultura nacional” com o professor e antropólogo Vagner Gonçalves da Silva.

Setembro de 2013 realizo um vídeo-entrevista com o historiador João José Reis sobre o tema da história dos africanos muçulmanos escravizados no Brasil.

Abril de 2014 curso a disciplina de “Antropologia Visual”, com a professora Sylvia Caiuby Novaes.

Agosto de 2014 viajo para o Egito com o objetivo de percorrer os caminhos tradicionais do conhecimento que há centenas de anos conectam a África Ocidental e a África do Norte.

Novembro de 2014 inicio as filmagens do documentário Abubakari II que conta a história da aventura marítima do antigo sultão do Império do Mali em busca de descobrir os limites do Oceano Atlântico.

Março de 2015 sendo contemplado pela bolsa de estudos da CAPES, viajo para o Alto Egito fotografando e filmando os sítios arqueológicos da região de Aswan.

Junho de 2015 inicio o estudo de caligrafia árabe com os professores Mahmud Abdel-Aziz e Shaaban Said Abdel-Haliq no Cairo.

Fevereiro de 2016 retorno ao Brasil e começo o processo de edição do livro e do documentário.

Julho de 2016 viajo para a Arábia Saudita e percorrendo a região de Najd e Hijaz visito a Mesquita do Profeta ﷺ.

Janeiro de 2017 finalizo a edição e impressão de 20 exemplares do livro 17janela18corredor.

August 2013 return to Brazil and seek to learn more about the legacy of the African diaspora, taking the course ‘From the Afro to the Brazilian: religion and national culture’ given by Professor and anthropologist Vagner Gonçalves da Silva.

September 2013 I conduct a video interview with the historian João José Reis on the theme of the history of Muslim Africans enslaved in Brazil.

April 2014 I take the course ‘Visual anthropology’ given by Professor Sylvia Caiuby Novaes.

August 2014 travel to Egypt with the aim of journeying along the traditional paths of knowledge that have connected West Africa and North Africa for hundreds of years.

November 2014 begin filming the documentary Abubakari II which tells the history of the maritime adventure of the ancient Sultan of the Malian Empire, seeking to discover the limits of the Atlantic Ocean.

March 2015 having received a CAPES scholarship, I travel to Upper Egypt, photographing and filming the archaeological sites of the Aswan region.

June 2015 begin to study Arabic calligraphy with Professors Mahmud Abdel-Aziz and Shaaban Said Abdel-Haliq in Cairo.

February 2016 I return to Brazil and begin the process of editing the book and documentary.

July 2016 travel to Saudi Arabia crossing the Najd and Hijaz regions and visiting the Phopher’s Holy Mosque ﷺ

January 2017 I finalize the edition and printing of 20 copies of the book 17window18aisle.

TÍTULO TITLE

l7janelal8corredor
l7windowl8aisle

EQUIPE EDITORIAL EDITORIAL STAFF

projeto editorial editorial project Marcelo Schellini
diagramação de texto text layout Yaqub Oliveira
revisão de texto copy editing Regina Maurício da Rocha, Juliano Gouveia dos Santos
tradução translation David Rodgers, Jordie Dhondt
quadricromia four-colour process Eduardo Monezi

FICHA TÉCNICA TECHNICAL DATA

formato format 178 X 237 cm
tipologia font Alegreya, 1942 report, Al-Bayan, KacstFarsi, AGA Islamic Phrases
miolo book block Gardapat Klassica 135 g/m2, Pólen 90 g/m2
capa cover Gardapat Klassica 135 g/m2
cameras Canon EOS 5D mark II, Leica V-LUX 1, Sony DSC-W150, Sansung Galaxy s5
acervo de mapas map collection biblioteca Florestan Fernandes - USP, David Rumsey Collection
impressão printing HP Indigo 10. 000
número de páginas number of pages 272
tiragem print-run 20
impressão printing Gráfica Ipsis
acabamento binding Rosana Chat

AGRADECIMENTO THANKS

الحمد لله رب العالمين
هو الذي خلق السماوات والارض وما بينهما
وجعل القمر فيهن نورا وجعل الشمس سراجا
و النجوم لتمتدوا بها في ظلمات البر والبحر

Ricardo e Silvana Schellini, Mame Gnilane Ngom, João Musa
CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)

NAS FOTOS ON PHOTOS

Mahfuz Ag Adnane, Soulaymane Barry, Ismael Oumar, Lama, Oumou, Mr. Hussein, Hajj Dawud, Luís Santos,
Koto Mussa, Rahmatullah, Bashir, Ami Kasim, Abou Bakar Maiga, Nazif Almadany, Abu Khabab, Mousa Tall,
Bilquis, Khadija, Aine Islam, Seydou Tailleur, Abou Bakar Diallo, Shaykh Noor

PARA TO
Abdus Salam

Este livro é o resultado do trabalho apresentado como tese de doutorado ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, área de concentração Poéticas Visuais, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Artes Visuais, sob orientação do professor Dr. João Luiz Musa.

Schellini, Marcelo Artioli

17janela18corredor = 17window18aisle / Marcelo Artioli Schellini. -
São Paulo: M. A. Schellini, 2017.

272 p. : il.

Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais - Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo. Orientador: João Luiz Musa

Título e texto em português e inglês

ISBN 978-85-922348-0-5

Bibliografia

1. Fotografia 2. Arte 3. Ensaios I. Musa, João Luiz II. Título.

CDD 21.ed. - 770